



# RELATÓRIO de ESTÁGIO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA U.T.L.

ANABELA ESTORNINHO PARRANO Nº1922

JAN./ JUL. 1998

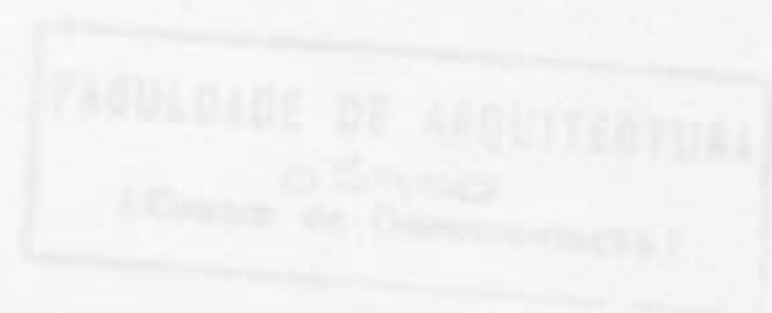
## ÍNDICE

PARECER DO ORIENTADOR.....	pág. 2
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	pág. 6
1. O Relatório.....	pág. 7
2. Acentos do Estágio.....	pág. 8
3. O local de Estágio.....	pág. 9
4. Linhas orientadoras do Estágio.....	pág. 10
CAPÍTULO 2 – TRABALHOS DE ESTÁGIO.....	pág. 11
1. António Maria Baptista Pinho.....	pág. 12
2. Gonçalo António Ramalhão de Sousa.....	pág. 18
3. Câmara Municipal de Amadora.....	pág. 19
4. José Alexandre Sara Rodrigues Marques.....	pág. 31
5. Pedro Álvaro de Sousa.....	pág. 34
6. Diversos.....	pág. 37
CAPÍTULO 3 – CONCLUSÕES.....	pág. 40

*[...]a todo o desenho de arquitectura deveria ser aposta a mesma sentença que Magritte após no seu quadro representando a mais naturalista maçã deste mundo: “Ceci n’est pas une pomme”.*

*“ Isto não é uma casa”.*

Manuel Tainha



# ÍNDICE

PARECER DO ORIENTADOR.....	pág.2
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	pág.6
1. O Relatório.....	pág.7
2. Acerca do Estágio.....	pág.8
3. O local de Estágio.....	pág.9
4. Linhas orientadoras do Estágio.....	pág.10
CAPÍTULO 2 – TRABALHOS DE ESTÁGIO.....	pág.11
1. António Maria Baptista Pombo.....	pág.12
2. Gonçalo António Raminhas de Sousa.....	pág.16
3. Câmara Municipal de Arronches.....	pág.19
4. José Alexandre Serra Rodrigues Marques.....	pág.31
5. Pedro Álvaro de Sousa.....	pág.34
6. Diversos.....	pág.37
CAPÍTULO 3 – CONCLUSÕES.....	pág.40
BIBLIOGRAFIA.....	pág.44
ANEXOS.....	pág.45

PARECER DO ORIENTADOR  
ARQUITECTO MANUEL DA FONSECA



FACULDADE DE ARQUITECTURA  
BIBLIOTECA



0990011975

FACULDADE DE ARQUITECTURA  
05900  
(Centro de Documentação)



PARECER DO ORIENTADOR  
ARQUITECTO MANUEL DA FONSECA

## PARECER DO ORIENTADOR DO ESTÁGIO ACADÉMICO

A aluna estagiária Anabela Estorninho Parrano, com o numero mecanográfico 1922, respeitante à Faculdade de Arquitectura de Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, cumpriu o seu tempo de estágio no gabinete Projectistas Associados. Teve como orientador do mesmo o Arquitecto Manuel João Nascimento Cabecinha Mamede da Fonseca, portador da carteira profissional nº 5114.

O estágio em causa foi elaborado de modo a que a estagiária pudesse ter contacto com a vida real no que respeita ao projectar arquitectura. Assim sendo optou-se por criar uma área de trabalho específica, em que a estagiária colaborou de forma bastante positiva e em que se integrou bem na equipa de trabalho.

Deste modo foi-lhe inclusivé dada a hipótese de trabalhar directamente com os clientes, situação em que também o resultado final se mostrou bastante positivo.

Os projectos em que a estagiária se comprometeu durante estes cinco meses demonstraram-lhe os problemas reais dos mesmos, em que podemos incluir: as necessidades dos clientes, as condicionantes das Câmaras e inclusivé as condicionantes de prazos e outro tipo de situações envolvendo até alguns pontos de complexidade moderada.

Deste modo e com agrado convém enunciar os projectos em que positivamente colaborou :

- **Requerente:** António M. B. Pombo
- **Obra:** Construção de uma moradia unifamiliar
- **Local:** Vale de Cavalos - Portalegre
  
- **Requerente:** Gonçalo A. R. de Sousa
- **Obra:** Construção de uma moradia bifamiliar
- **Local:** Santa Eulália - Elvas

- **Requerente:** Câmara Municipal de Arronches
- **Obra:** Recuperação de um lagar de varas
- **Local:** Arronches

- **Requerente:** José A. S. R. Marques
- **Obra:** Construção de uma moradia unifamiliar
- **Local:** Ribeira de Nisa - Portalegre

- **Requerente:** Pedro Álvaro de Sousa
- **Obra:** Beneficiação/Ampliação de uma moradia
- **Local:** Frangoneiro - Portalegre

Para além da realização dos projectos enumerados a estagiária teve pequenas participações noutros trabalhos, realizados pelo orientador, para se aperceber também do trabalho em parceria com outros profissionais.

Tendo o estágio decorrido com normalidade e apreciando o trabalho da estagiária cumpre-me concluir que foi com agrado, simpatia e profissionalismo que com ela trabalhamos, pelo que resultou sem dúvida numa experiência bastante positiva penso para ambas as partes.

Sem mais e incentivando medidas semelhantes com os melhores cumprimentos:

Portalegre, 30 de Julho de 1998



Arqtº Manuel João da Fonseca



## 1. O RELATÓRIO

Um relatório consiste essencialmente no relato de factos ocorridos num determinado espaço de tempo. Neste caso concreto, o presente relatório prende-se com o Estágio que compete actualmente o curso de arquitectura da FAUTL.

Durante os cinco meses de Estágio, diariamente, fui tomando nota de todas as tarefas que me foram confiadas, de tal modo que poderia relatá-las aqui com bastante precisão, dando também conta da minha integração na equipa com que trabalhei.

O que me pareceu de muita importância foi resumir estes cinco meses de modo a que, por um lado, fosse perceptível o trabalho por mim realizado e, por outro, pudesse demonstrar algumas opiniões pessoais que fui formando ao longo deste período.

O relatório apresentado encontra-se estruturado segundo as normas fornecidas nos regulamentos para a sua elaboração. Assim, podemos notá-lo dividido em três partes essenciais: Capítulo 1 – Introdução, Capítulo 2 – a que se deu o título Trabalho de Estágio; Capítulo 3 – Conclusões.

No capítulo introdutório, fazem-se algumas considerações acerca do Estágio, do local escolhido para o meu Estágio e das linhas orientadoras do mesmo.

O capítulo dois encontra-se dividido em seis partes menores, possuindo cada uma delas um título. Cada destas partes referem-se aos cinco projectos que realizei quando no estágio e de cada título são os nomes dos requerentes dos respectivos projectos. As folhas de separação de cada uma das partes possuem, para além da identificação do requerente e de cada projecto, a data de realização e imagens dos projectos das mesmas. A última destas partes faz referência a algumas participações minhas em processos bem como a outras tarefas realizadas durante o Estágio.

O capítulo três remete, resumidamente, todas as considerações julgadas necessárias para o fim a que se destinam as conclusões segundo o visto do Estágio e aquelas que foram alcançadas ao longo do mesmo.

Em suma, este relatório tem por objectivo apresentar ao leitor a minha experiência durante o estágio, servindo

## CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

## 1. O RELATÓRIO

Um relatório consiste essencialmente no relatar de factos acontecidos num determinado espaço de tempo. Neste caso concreto, o presente relatório prende-se com o Estágio que completa actualmente o curso de arquitectura da F.A.U.T.L..

Durante os cinco meses de Estágio, diariamente, fui tomando nota de todas as tarefas que me foram confiadas, de tal modo que poderia relatá-las aqui com bastante precisão, dando também conta da minha integração na equipa com que trabalhei.

O que me pareceu de maior importância foi resumir estes cinco meses de modo a que, por um lado, fosse perceptível o trabalho por mim realizado e, por outro, pudesse demonstrar algumas opiniões pessoais que fui formando ao longo deste período.

O relatório apresentado encontra-se estruturado segundo as normas fornecidas aos estagiários para a sua elaboração. Assim, podemos notá-lo dividido em três partes essenciais: Capítulo 1 – Introdução; Capítulo 2 – a que se deu o título Trabalhos de Estágio; Capítulo 3 – Conclusões.

No capítulo introdutório, tecem-se algumas considerações acerca do Estágio, do local escolhido para o meu Estágio e das linhas orientadoras do mesmo.

O capítulo dois encontra-se dividido em seis partes menores, possuindo cada uma delas um título. Cinco dessas partes referem-se aos cinco projectos que realizei quase na totalidade e os seus títulos são os nomes dos requerentes dos respectivos processos. As folhas de separação de cada uma das partes possuem, para além da identificação do requerente e da obra, plantas de localização e imagens dos projectos das mesmas. A última dessas partes faz referência a pequenas participações noutros processos bem como a outras tarefas realizadas durante o Estágio.

O capítulo três contém, naturalmente, todas as considerações julgadas necessárias para o cotejo entre os objectivos estabelecidos aquando do início do Estágio e aqueles que foram alcançados no seu termo.

Situando-se a Arquitectura num território ambíguo entre a arte e a ciência, servindo-se ela do desenho para expressar as suas ideias, não é de estranhar que um relatório de Estágio em Arquitectura viva também de imagens, que documentam de forma imediata os factos narrados.

Este relatório, para além de ser um instrumento de informação acerca do trabalho realizado durante o Estágio, pretende ser também uma reflexão acerca das diferenças entre aquilo que pensava encontrar e o que de facto encontrei na arquitectura fora do espaço da faculdade.



## 2. ACERCA DO ESTÁGIO

Qualquer Estágio académico deve ter como objectivo primordial facultar aos alunos que o realizam um contacto mais estreito com o mundo do trabalho, por vezes o primeiro.

O Estágio assume-se como um período de reflexão e de comparação pois que, apesar de sermos ainda considerados alunos, já não nos encontramos a resolver casos hipotéticos na Faculdade, mas sim assuntos reais.

Um Estágio da Faculdade de Arquitectura deveria, portanto, permitir-nos trabalhar ao lado de futuros colegas arquitectos, tendo também a oportunidade de projectar para clientes que não são já o docente da cadeira de Projecto. Para a grande importância assumida por este Estágio muito contribuiu o facto de ter sido o meu primeiro contacto com a realidade da arquitectura fora dos limites da Faculdade.

Muito embora se desenvolvam cada vez maiores esforços no sentido de aproximar os programas a situações que reproduzam, com o máximo rigor, aquilo que se irá encontrar uma vez terminado o curso, muito dificilmente se conseguirá obter essa realidade no meio académico.

Grande foi a polémica gerada em torno do Estágio que passou a fazer parte do plano de estudos do curso de Arquitectura. Muitas dúvidas surgiram em grande parte devido à deficiente definição dos moldes em que o Estágio seria realizado. De todas as propostas apresentadas, penso ter sido escolhida a melhor forma de nos inserir no mundo do trabalho no campo da arquitectura e da construção civil.

Agora que o período de Estágio terminou vejo a importância dos conhecimentos adquiridos ao longo deste tempo pelo facto de se estagiar fora da Faculdade, junto de pessoas que exercem a profissão. Estas, complementando o que nos foi ministrado na Faculdade, podem mostrar-nos como se desenrola um projecto de arquitectura, como se trabalha em parceria com outros profissionais da construção civil, qual a tramitação necessária para que um projecto alcance o final do seu curso - a utilização -, preparando-nos assim para o mundo da arquitectura.

### 3. O LOCAL DE ESTÁGIO

Apesar de todas as questões levantadas acerca da proposta que permitia aos alunos escolherem o local para a realização do seu Estágio, essa deve ter sido a maneira mais fácil de garantir a colocação da maioria deles. Muitos optaram por locais que já conheciam, ou onde até já trabalhavam, aumentando assim as hipóteses de se integrarem perfeitamente.

Como local para realizar o meu Estágio escolhi o gabinete "MANUEL DA FONSECA E DOMINGOS CANDEIAS, PROJECTISTAS ASSOCIADOS, LDA". Não nego que para tal muito contribuiu o facto do mesmo estar sediado em Portalegre, a cidade onde nasci.

O Estágio nesse local, para além de permitir o meu regresso a casa, dar-me-ia também a oportunidade de conhecer um pouco melhor a arquitectura praticada no distrito. Sendo essa a minha realidade mais próxima não deve causar estranheza que me seduza antes de qualquer outra. Para além disso, o gabinete pareceu-me bem colocado na região, onde não existem muitos do género. O mercado de trabalho encontra-se ainda dominado por desenhadores de longa carreira, conhecidos pela maioria da população como sendo bem mais acessíveis, tanto social como economicamente, que os arquitectos. Esses desenhadores, trabalhando sozinhos e não em parceria com profissionais responsáveis, tendem a desequilibrar o mercado de trabalho uma vez que a maioria dos clientes de classe média prefere recorrer aos seus serviços.

A equipa de trabalho pareceu-me estruturada de forma a combater um pouco essa tendência, pois que dela fazem parte, para além do arquitecto, um engenheiro e três desenhadores (um deles estagiário), o que confere equilíbrio e autonomia ao gabinete, que assim não necessita recorrer a terceiros em nenhuma das fases do projecto.

O arquitecto orientador, de uma geração não muito distante da minha, foi um antigo aluno da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, o que de certa forma despertou a minha curiosidade face ao seu trabalho.

"O pequeno atelier é pois a resposta certa ao mercado do trabalho e ao tipo de serviço que lhe é pedido: uma arquitectura de cliente, muito chegada ao saber como se faz (construção) e à cartilha dos universais (composição)."<sup>1</sup>

<sup>1</sup> TAINHA, Manuel, *Arquitectura em questão*, Edição da AEFA UTL, Lisboa, 1994, p.10.



#### 4. LINHAS ORIENTADORAS DO ESTÁGIO

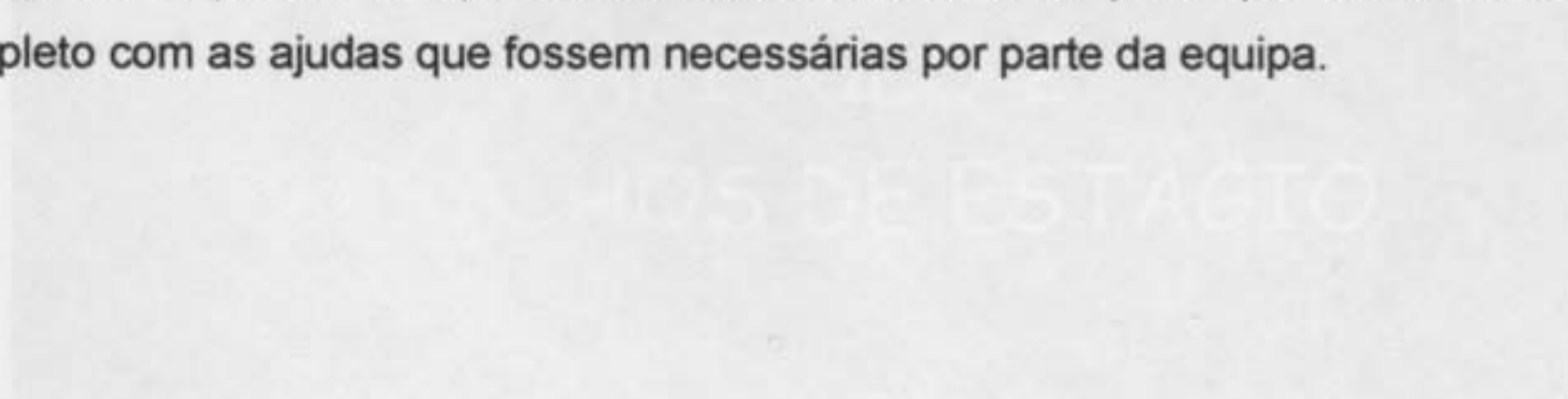
Aquando do primeiro contacto com o Arquitecto Manuel da Fonseca, não ficou completamente decidido quais seriam as minhas funções durante o período de Estágio. Na opinião do orientador, ao invés de se estabelecerem de forma definitiva as linhas de base do Estágio, o melhor seria ir decidindo à medida que as situações fossem surgindo.

Concordámos num ponto essencial: seria bom eu passar muito tempo no gabinete para me ambientar e para aprender rapidamente a tramitação necessária à aprovação dos projectos de arquitectura pela Câmara Municipal de Portalegre.

Fui alertada para o facto de 95% do trabalho do gabinete ser essencialmente constituído por projectos de recuperação e ampliação bem como projectos de moradias unifamiliares, pelo que o trabalho a realizar apontaria certamente nesse sentido. Tal facto não me provocou qualquer surpresa pois que, conhecendo a realidade da cidade, com fraco desenvolvimento, sabia que não existiriam muitos projectos de estruturas diferentes das moradias. Foi com alguma satisfação que depois constatei ser a realidade um pouco menos negativa, pois durante o período de Estágio conheci no gabinete projectos de unidades hoteleiras, equipamento social e industrial.

De início, pensou-se na hipótese de pôr os meus conhecimentos de Autocad ao serviço do gabinete, de modo a que eu fizesse algo que fosse, simultaneamente, interessante para mim e não interferisse negativamente no trabalho dos restantes elementos da equipa, sendo até proveitoso para o gabinete, hipótese que se abandonou.

Pareceu-me bastante compreensível que, sendo o gabinete algo conceituado, não pensassem em me entregar tarefas de maior responsabilidade antes de conhecerem um pouco melhor o trabalho que conseguiria fazer. Assim, ficou decidido que o arquitecto me entregaria os processos que encontrasse convenientes para que eu desenvolvesse por completo com as ajudas que fossem necessárias por parte da equipa.





ANTÔNIO MARLA BATISTA POMBO

JAN. / FEV. 1998

CONSTRUÇÃO DE UMA MORADIA UNIFAMILIAR  
URBANIZAÇÃO DE VALE DE CAVALOS, LOTE 16 - ALEGRETE  
PORTALEGRE



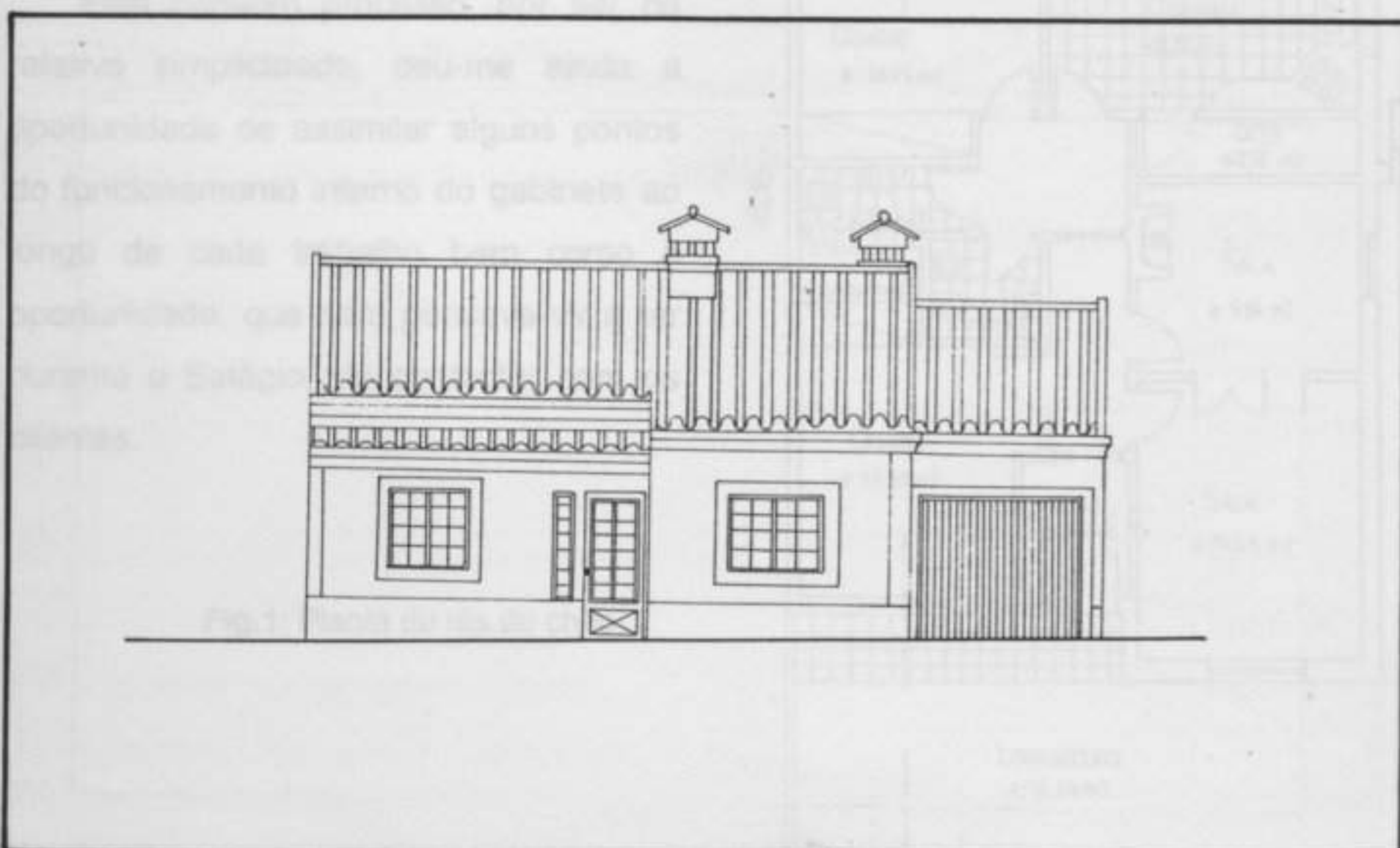
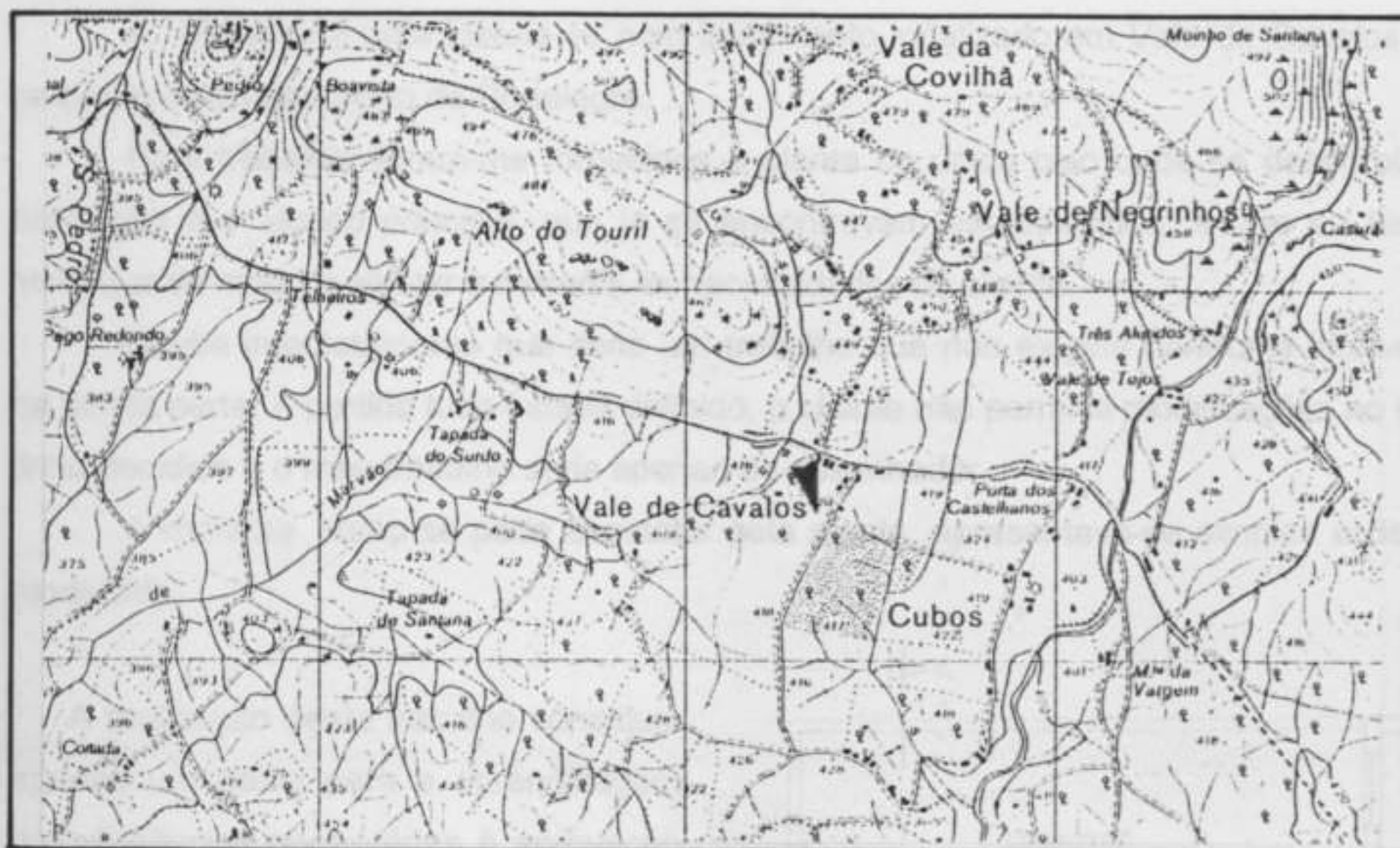
## CAPÍTULO 2

### TRABALHOS DE ESTÁGIO

ANTÓNIO MARIA BAPTISTA POMBO

JAN. / FEV. 1998

CONSTRUÇÃO DE UMA MORADIA UNIFAMILIAR  
URBANIZAÇÃO DE VALE DE CAVALOS, LOTE 16 - ALEGRETE  
PORTALEGRE





## 1. ANTÓNIO MARIA BAPTISTA POMBO

O primeiro trabalho em que participei durante o período de Estágio foi, como não podia deixar de ser, o projecto de uma moradia unifamiliar.

A referida moradia inseria-se num loteamento localizado em Vale de Cavalos, uma pequena localidade perto de Portalegre.

Para trabalhar foram-me fornecidos a planta do único piso onde se desenrolava a habitação e o alçado principal, que já se encontravam estabelecidos, e que eu teria de modificar de modo a ajustar a moradia às necessidades do cliente.

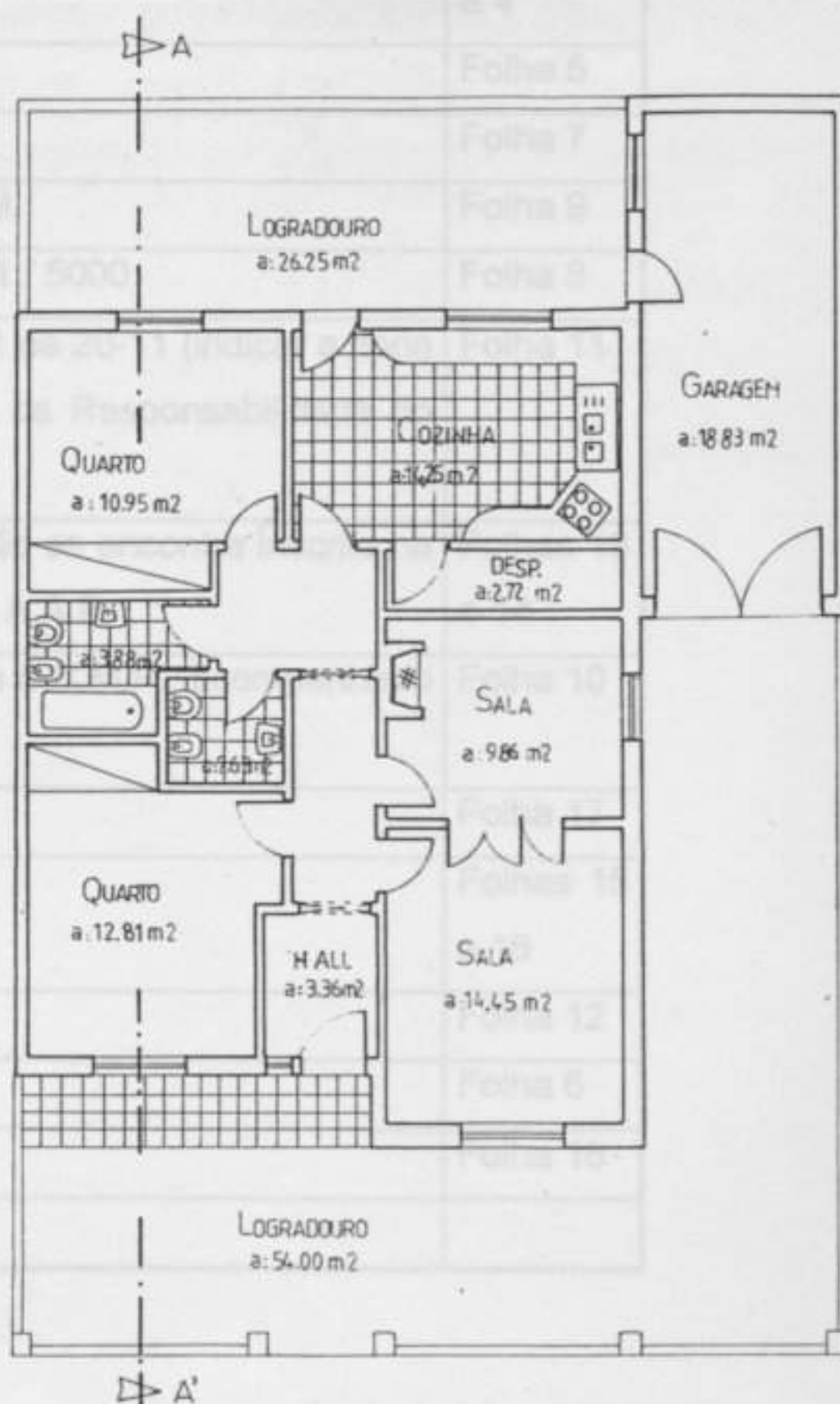
Soube imediatamente que seria um trabalho que não exigiria nenhuma intervenção da minha parte. À partida tudo estava definido, o cliente não permitia modificações no que já tinha decidido e o meu trabalho seria apenas de desenhador.

A moradia, como se pode constatar pela planta, apresentava-se simples e de área moderada.

A realização deste trabalho constituiu apenas um treino para a aprendizagem das diligências necessárias à aprovação de um projecto pela Câmara Municipal de Portalegre.

Este primeiro processo, por ser de relativa simplicidade, deu-me ainda a oportunidade de assimilar alguns pontos do funcionamento interno do gabinete ao longo de cada trabalho bem como a oportunidade, que nem pensava vir a ter durante o Estágio, de contactar com os clientes.

**Fig.1:** Planta do rés do chão





Quando um cliente contacta o gabinete, é preenchida uma folha de entrada de projecto em que se inscrevem os dados relevantes do requerente e do projecto em questão (ver anexos – Folha 1).

Existe também uma Folha de gestão de projecto (Folha 2 dos anexos) a usar no decorrer do mesmo, para que se possa ter um maior controle do tempo despendido com cada uma das tarefas inerentes ao processo.

No respeitante à Câmara de Portalegre, e como resumo dos elementos a apresentar para o processo de licenciamento, observem-se os seguintes quadros:

### Quadro 1 – Elementos Escritos

	Documentos	Anexos
1º	Fotocópia do B.I. (quando não for o proprietário a entregar o projecto na C. M.)	
2º	Requerimento	Folhas 3 e 4
3º	Certidão da Conservatória	Folha 5
4º	Planta de localização - Esc. 1 / 25 000	Folha 7
5º	Planta de localização – Extracto do P. D. M.	Folha 9
6º	Planta de localização - Esc. 1 / 2000 e/ou 1 / 5000	Folha 8
7º	Declaração referente ao Dec.-Lei nº445/91 de 20-11 (indicar a zona onde se encontra no P. D. M.) – Termo de Responsabilidade do autor do projecto de arquitectura.	Folha 11
	Certidão da A.A.P., quando o arquitecto não se encontra inscrito na Câmara. Antecedida de pedido remetido à A.A.P.	Folhas 13 e 14
9º	Cota de soleira (mediante pedido remetido à C.M.P., acompanhado de planta de localização)	Folha 10
10º	Ficha de estimativa orçamental	Folha 17
11º	Folha de medições	Folhas 15 e 16
12º	Declarações referentes às portarias 1115	Folha 12
13º	Calendarização	Folha 6
14º	Mapa de Acabamentos e cores	Folha 18
15º	Memória Descritiva e Justificativa	

## Quadro 2 – Elementos desenhados

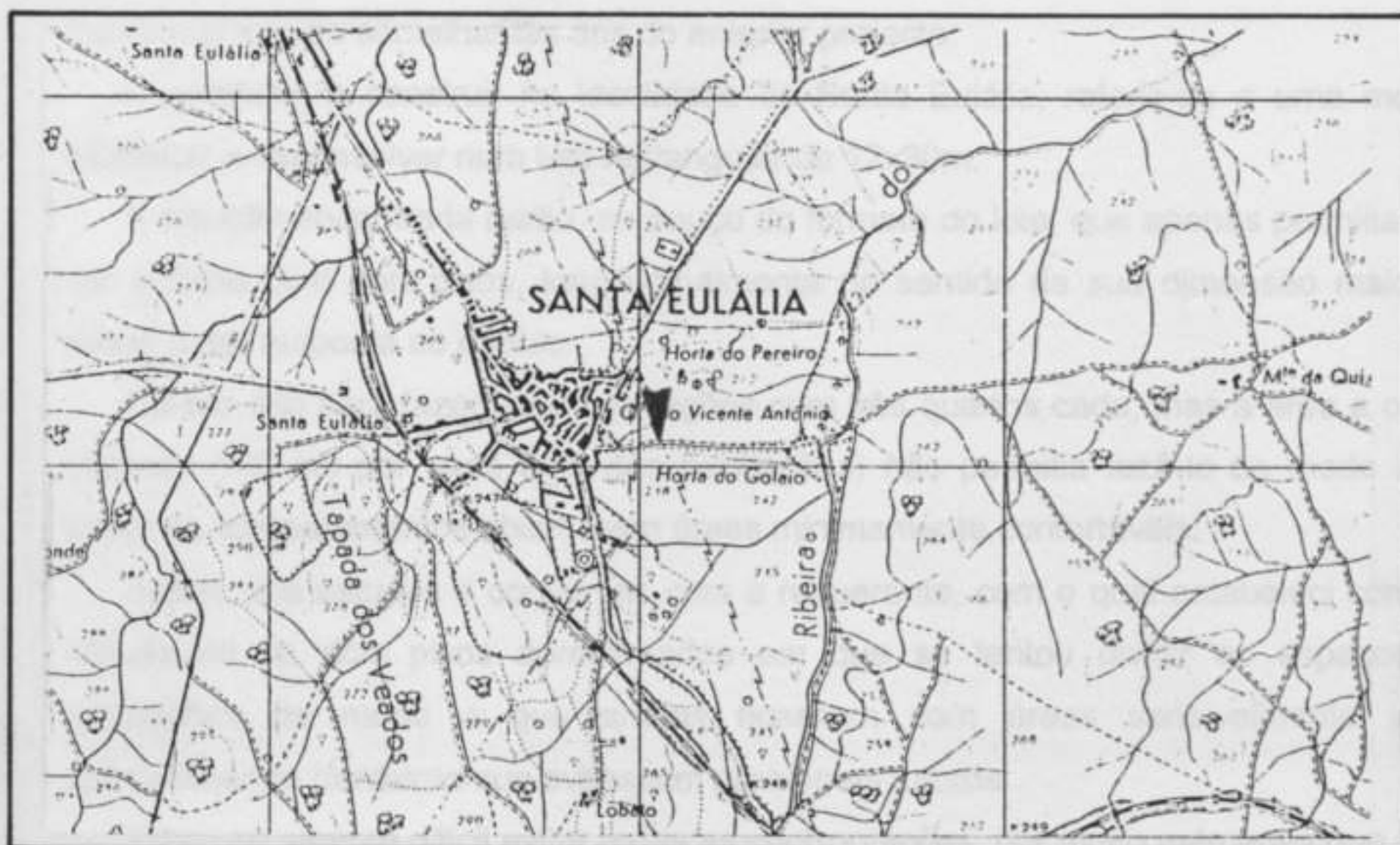
Desenhos	Escalas
Planta de implantação	Esc. 1/200 ; Esc. 1/500
Plantas dos pisos (apresentação e cotas)	Esc. 1/100
Planta de cobertura	Esc. 1/100
Alçados	Esc. 1/100
Alçado com indicação dos materiais e cores	Esc. 1/100
Cortes (pelo menos um) com a indicação da cota de soleira	Esc. 1/100
Pormenores (pelo menos um pormenor)	Esc. 1/50
Projectos das especialidades (águas, esgotos, instalações eléctricas, estabilidade)	Esc. 1/100

O preenchimento de alguns dos documentos levantou-me algumas dúvidas, pois este foi o primeiro contacto que tive com a maioria deles, dúvidas estas que foram sendo esclarecidas com a ajuda dos desenhadores do gabinete que possuem já uma experiência considerável na matéria.

Neste primeiro trabalho, muito embora não me tenha sido permitido projectar, adquiri alguns conhecimentos importantes relativamente à organização de processos, razão pela qual o tempo com ele despendido me trouxe no fim alguns benefícios.



GONÇALO ANT3NIO RAMINHAS DE SOUSA      FEV. /MAR. 1998  
CONSTRU3O DE UMA MORADIA BIFAMILIAR  
RUA ESTRADA DAS HORTAS, LOTE 8 - SANTA EUL3LIA  
ELVAS





## 2. GONÇALO ANTÓNIO RAMINHAS DE SOUSA

Antes ainda de terminar o primeiro projecto foi-me apresentado um segundo processo a dar entrada, desta feita na Câmara de Elvas. Os tramites necessários apresentavam-se semelhantes aos do anterior projecto.

O projecto, a construir na localidade de Santa Eulália, referia-se a uma moradia bifamiliar a desenvolver num lote rectangular de 12x30m.

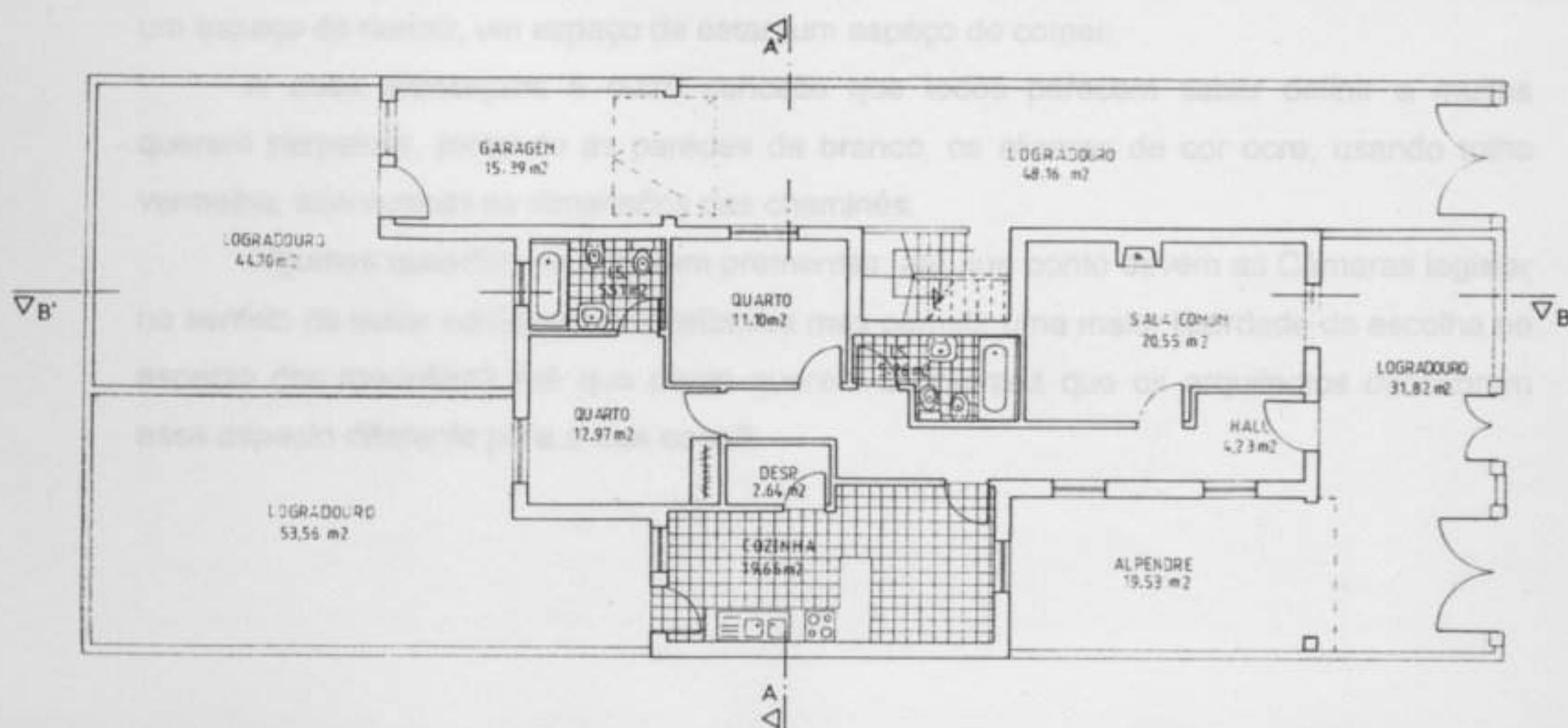
A solução encontrada partiu um pouco do formato do lote, que apenas permitia fazer um edifício com dois pisos, longitudinalmente no sentido da sua dimensão maior, de modo a dar resposta ao pedido.

Foi-me dito para fazer duas habitações com três quartos cada, mas a área a ocupar (apenas 120 m<sup>2</sup> por cada uma das habitações) não permitia fazê-lo de modo a que todos os compartimentos obtivessem áreas minimamente confortáveis.

Assim, dos estudos e conversas com o requerente, com o qual estabeleci contacto, resultaram os dois pisos apresentados em que se tentou dividir os espaços das habitações de modo a que ambas ficassem com áreas sensivelmente iguais, estabelecendo fronteiras que evitassem problemas futuros.

Torna-se sempre difícil evitar todas as confrontações, por muito marcadas que sejam as barreiras arquitectónicas.

Fig. 2: Planta do rés do chão



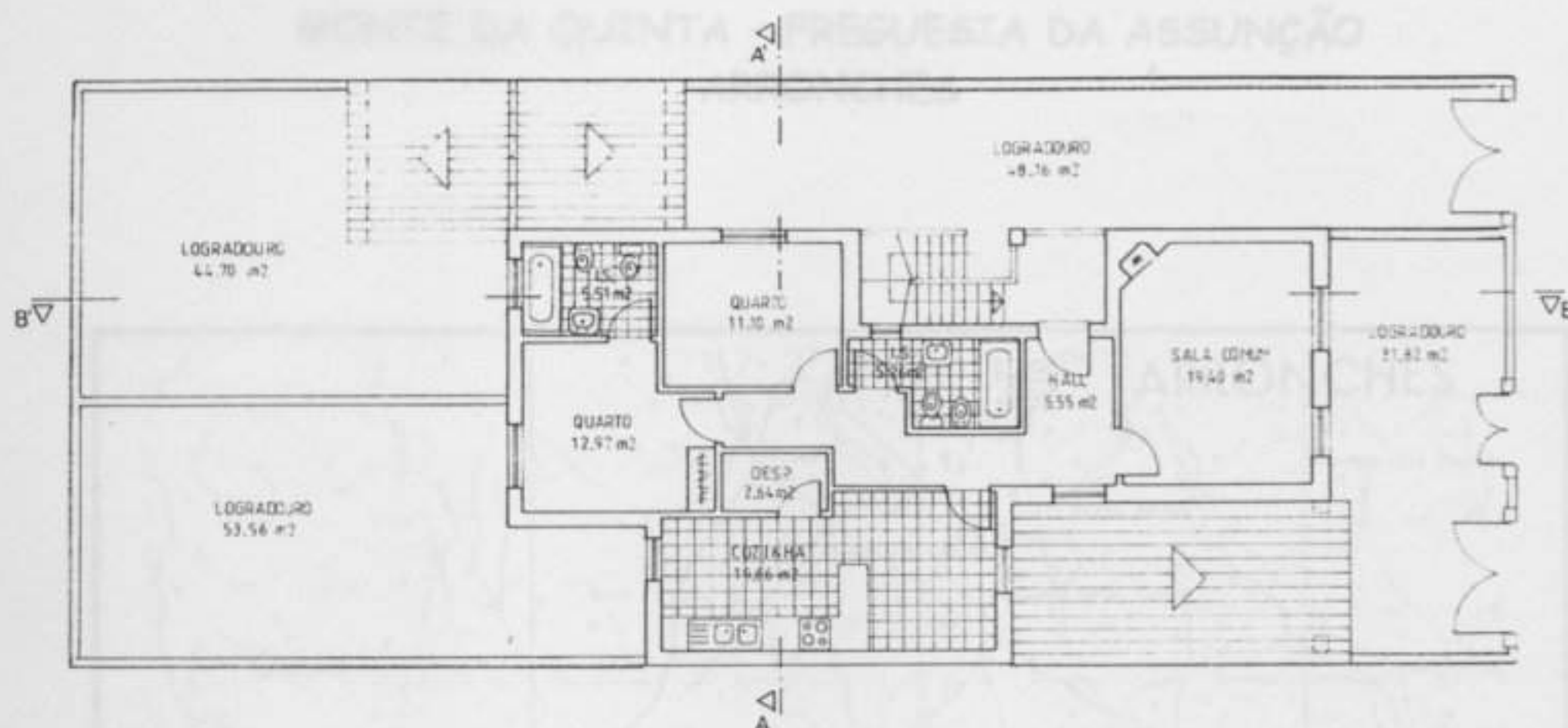


Fig.3: Planta do 1º andar

Este projecto levou-me a pensar essencialmente em duas questões. A primeira diz respeito à tendência existente, por parte dos clientes e promotores, de querer rentabilizar a área permitida para construção ao máximo, recorrendo muitas vezes aos valores mínimos permitidos ou pouco mais. A quantidade de espaços fragmentados continua a ser preferida à qualidade de alguns espaços projectados de forma a serem polivalentes.

Tal consideração guiou-me até à segunda questão: o facto de a ideia de **casa** e das divisões que a compõem se encontrar ainda muito vincada na mente da maioria das pessoas. Todos se habituam a ter quartos, salas, cozinhas e instalações sanitárias e poucos admitem que se capte neles uma concepção própria desses locais, uma visão diferente para um espaço de dormir, um espaço de estar, um espaço de comer.

A **casa alentejana** é outro conceito que todos parecem saber definir e muitos querem perpetuar, pintando as paredes de branco, os alisares de cor ocre, usando telha vermelha, acentuando as dimensões das chaminés.

Algumas questões se afiguram prementes: até que ponto devem as Câmaras legislar no sentido de evitar edifícios desenraizados mas permitir uma maior liberdade de escolha no aspecto das moradias? Até que ponto querem os clientes que os arquitectos descubram esse aspecto diferente para a **sua casa**?



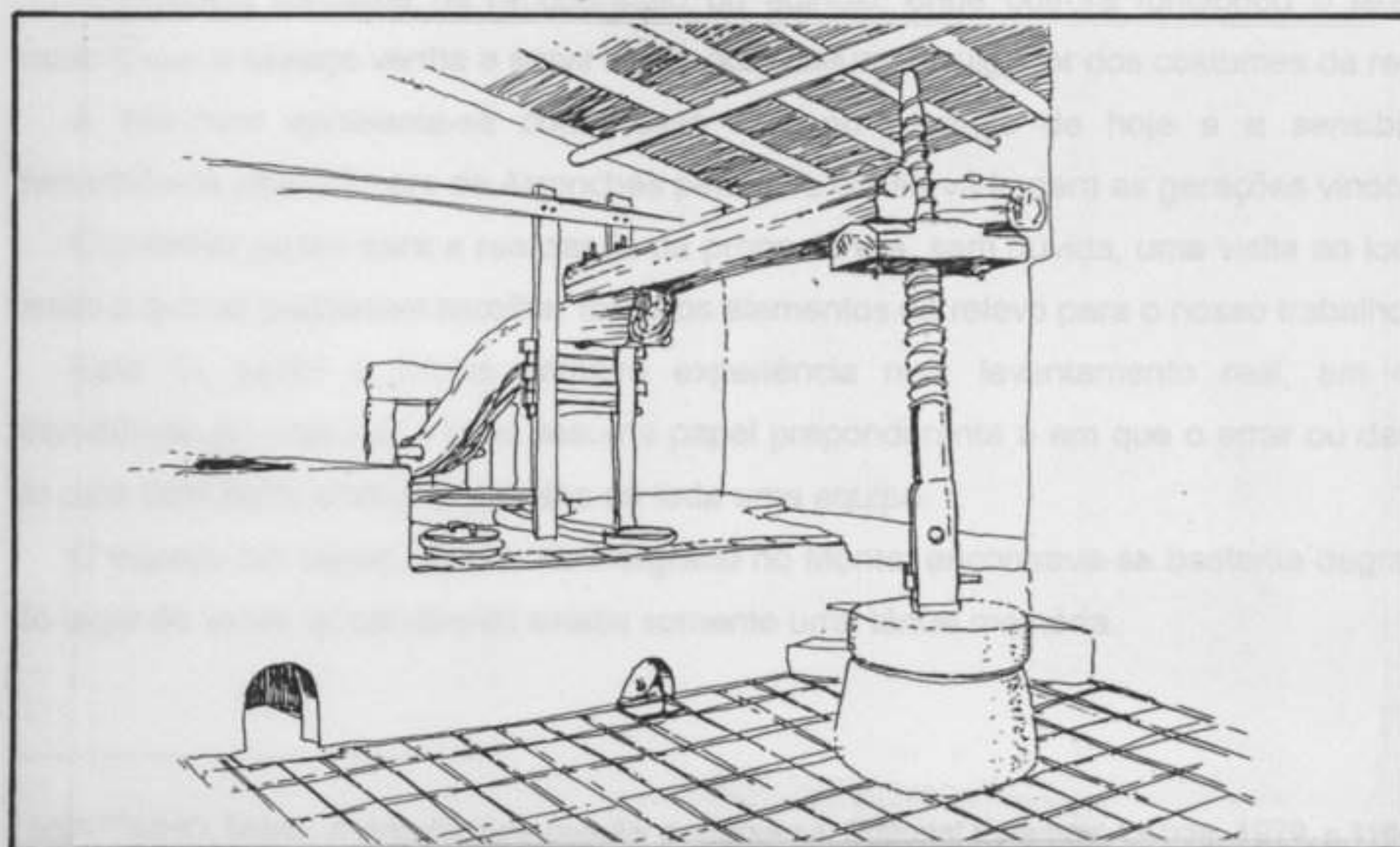
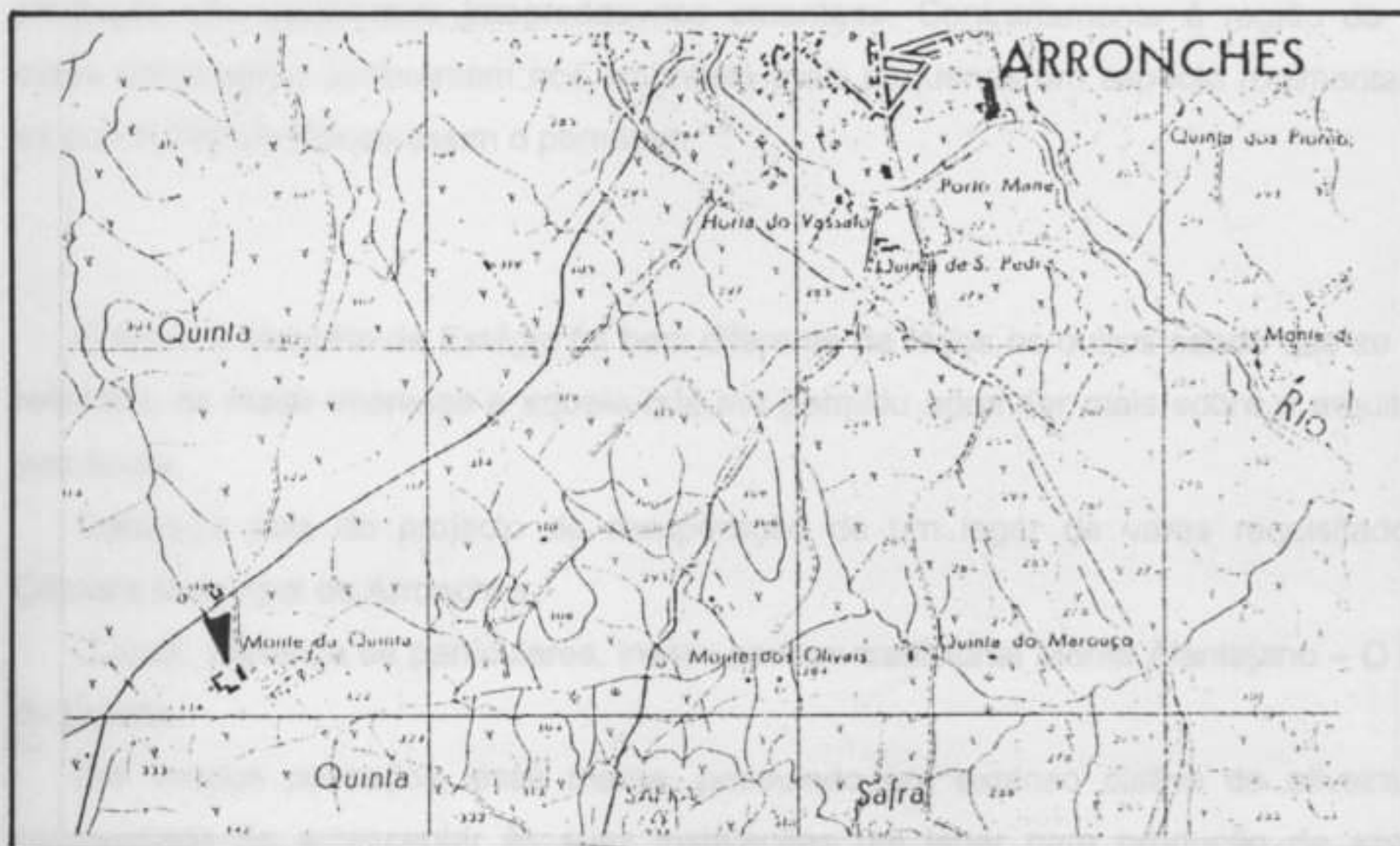
CÂMARA MUNICIPAL DE ARRONCHES

MAR. / ABR. 1998

RECUPERAÇÃO DE UM LAGAR DE VARAS

MONTE DA QUINTA - FREGUESIA DA ASSUNÇÃO

ARRONCHES





### 3. CÂMARA MUNICIPAL DE ARRONCHES

" No Alentejo, além dos moinhos de vento [...], as principais construções viradas para a produção são geralmente integradas nos «montes». Contrariamente à região do Norte, estas construções apresentam nos «montes» mais pequenos um aspecto rudimentar, pois as condições climáticas assim o permitem." <sup>2</sup>

O terceiro trabalho de Estágio foi bem diferente de todos os outros sendo que se veio a revelar o de maior interesse e aquele que me permitiu aprender mais sobre a arquitectura vernácula.

Tratou-se pois do projecto de recuperação de um lagar de varas requisitado pela Câmara Municipal de Arronches.

O local, pertença de particulares, insere-se num tradicional Monte Alentejano – O Monte da Quinta.

Em tempos passados, esse monte, possuindo um extenso cultivo de oliveira, teve necessidade de acrescentar às suas instalações um lagar para produção de azeite. A estrutura, amplamente usada, foi, com o tempo, ficando desactualizada e acabou por ficar em ruínas.

A proposta consistia na recuperação do edifício, onde outrora funcionou o lagar, de modo a que o espaço venha a servir como polo cultural divulgador dos costumes da região.

A estrutura apresenta-se como caso raro no Alentejo de hoje e a sensibilidade demonstrada pela Câmara de Arronches permitiria conservá-la para as gerações vindouras.

O primeiro passo para a realização da proposta era, sem dúvida, uma visita ao local, de modo a que se pudessem recolher todos os elementos de relevo para o nosso trabalho.

Esta foi assim a minha primeira experiência num levantamento real, em que a importância de observar o local assume papel preponderante e em que o errar ou descurar de uma cota pode atrasar o trabalho de toda uma equipa.

O espaço em causa, apesar de integrado no Monte, encontrava-se bastante degradado, do lagar de varas aí construído existia somente uma ténue memória.

---

<sup>2</sup> MOUTINHO, Mário, *A Arquitectura popular portuguesa*, Editorial Estampa, Lisboa, 1979, p.118

Figs.4 e 5: Aspectos do lagar existente



"Artigo 1º - A noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural." <sup>3</sup>



<sup>3</sup> *Carta de Veneza*, Edição da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios, Lisboa, 1986



Figs.6 e 7: Aspectos do interior do lagar



"Artigo 5º - A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade: esta adaptação é pois desejável mas não pode nem deve alterar a disposição e a decoração dos edifícios. É assim dentro destes limites que se devem conceber e que se podem autorizar as adaptações tomadas necessárias, exigidas pela evolução dos usos e dos costumes." <sup>4</sup>



<sup>4</sup> *Carta de Veneza*, Edição da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios, Lisboa, 1986

Tornou-se necessário fazer um pouco de investigação ao nível da arqueologia industrial, para que se pudesse avançar na proposta de recuperação sem cair em erros grosseiros.

Essa pesquisa passou essencialmente pela visita a uma instalação semelhante, mas que, por via da deficiente recuperação, nos causou algumas dúvidas quanto ao funcionamento lógico da estrutura. Esse lugar só se revelou útil por possuir peças fundamentais da laboração, inexistentes no lugar do Monte da Quinta.

Fig.8: Escoamento até ao pote

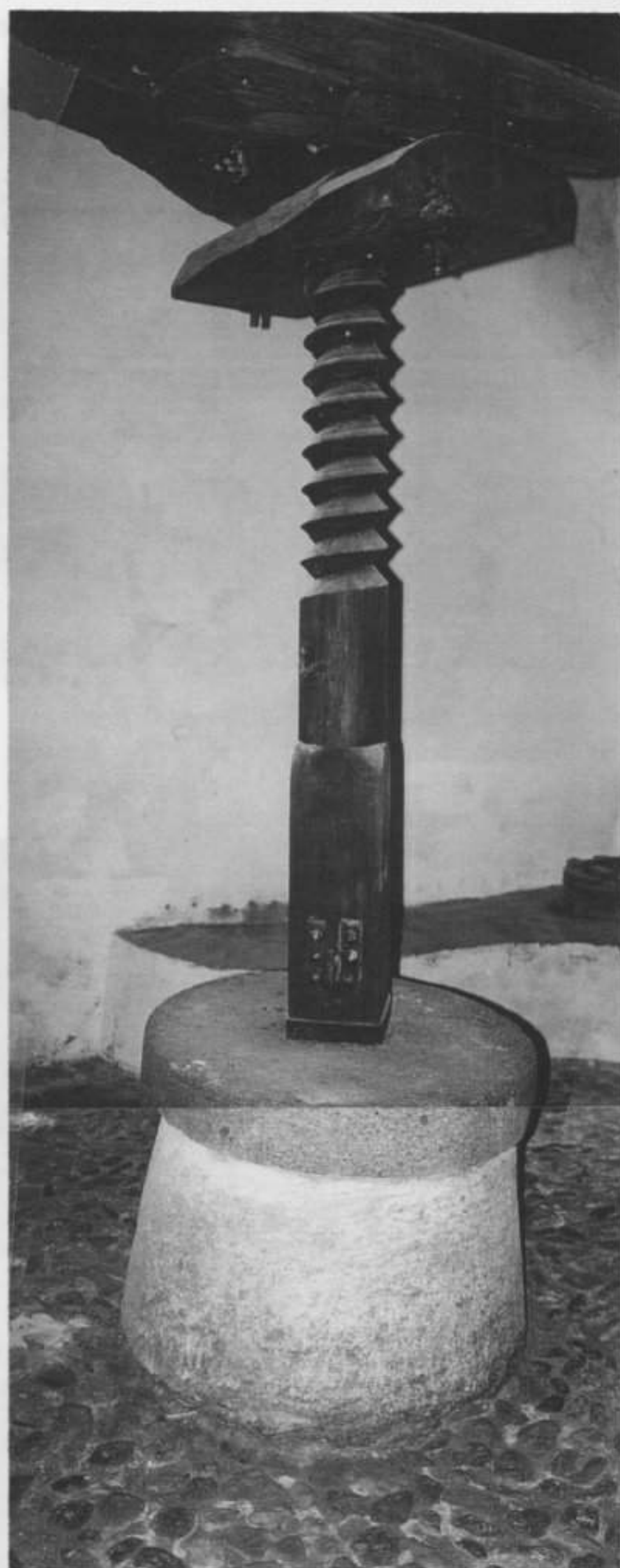
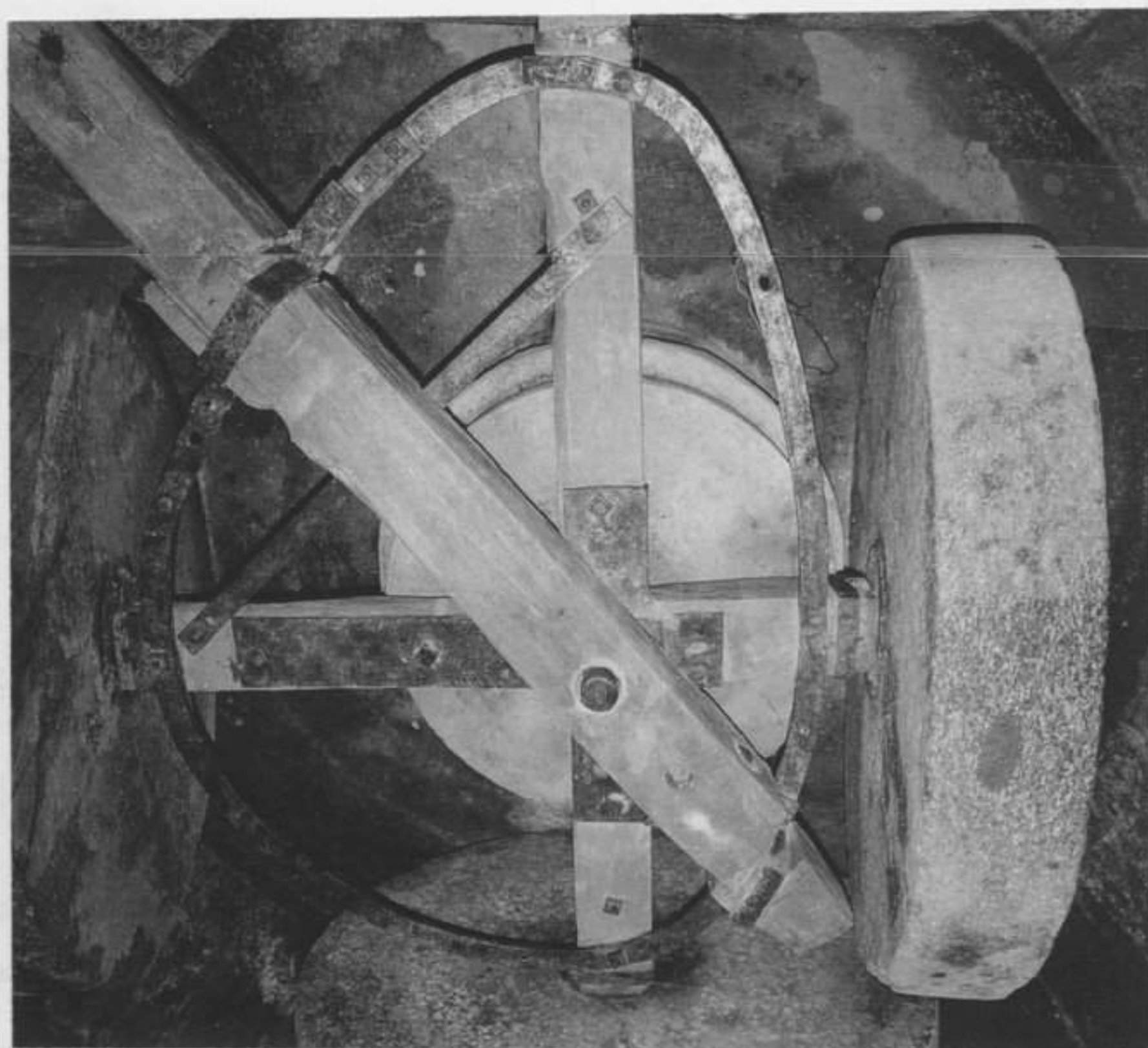


Fig. 9: Apoio da vara



Figs.10 e 11: Aspectos da mó



Por meio de deduções e algumas conversas com pessoas que outrora tiveram a oportunidade de ver o lagar antes da ruína tomar conta do espaço, pudemos enfim estabelecer o seu funcionamento e esclarecer as nossas dúvidas, que se prendiam essencialmente com a parte final da produção do azeite.

A estrutura dividia-se em três zonas distintas, interligadas entre si, mas bem definidas no espaço: a zona de armazenagem de azeitona (as tulhas); a zona de moer, e a zona das varas propriamente ditas.

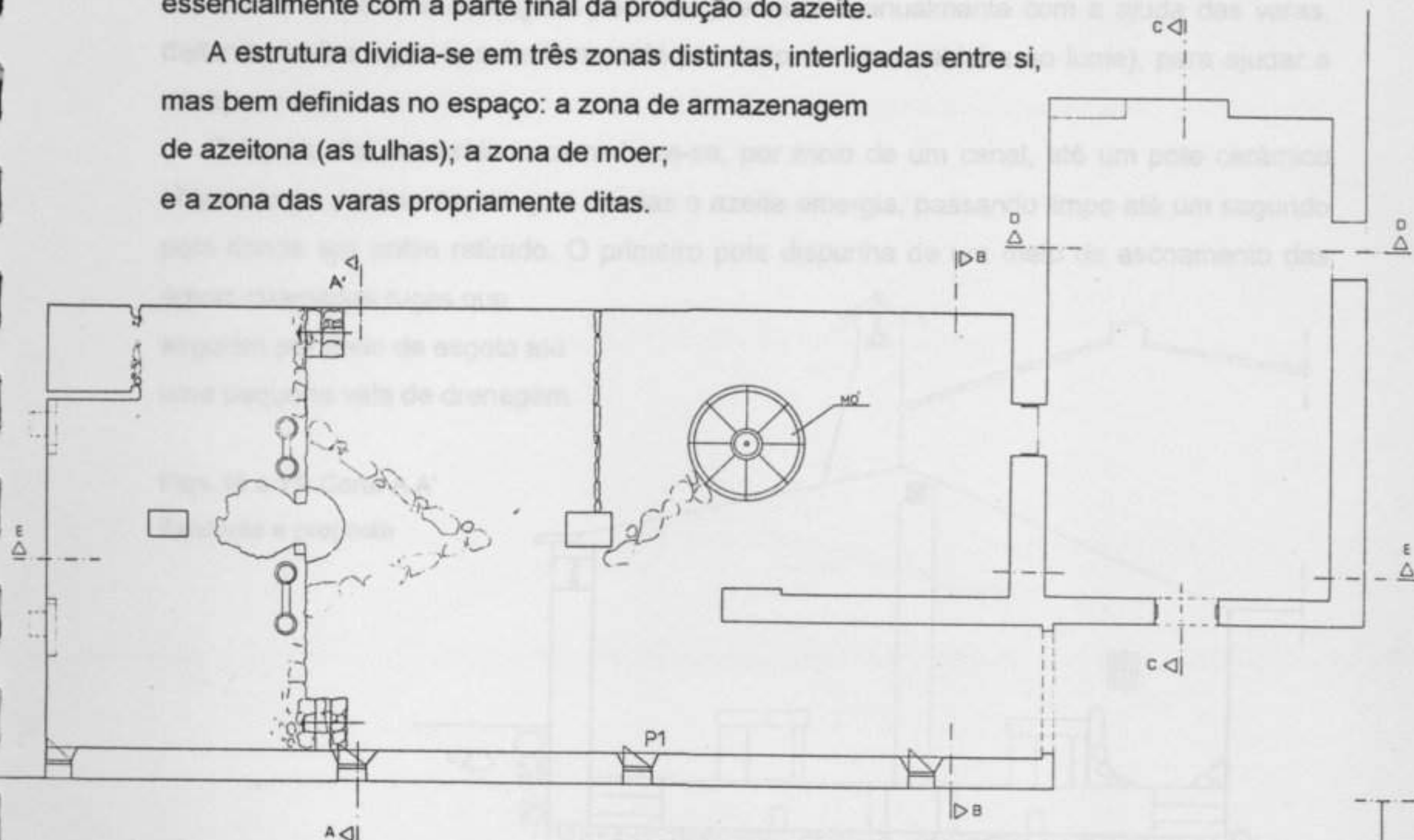
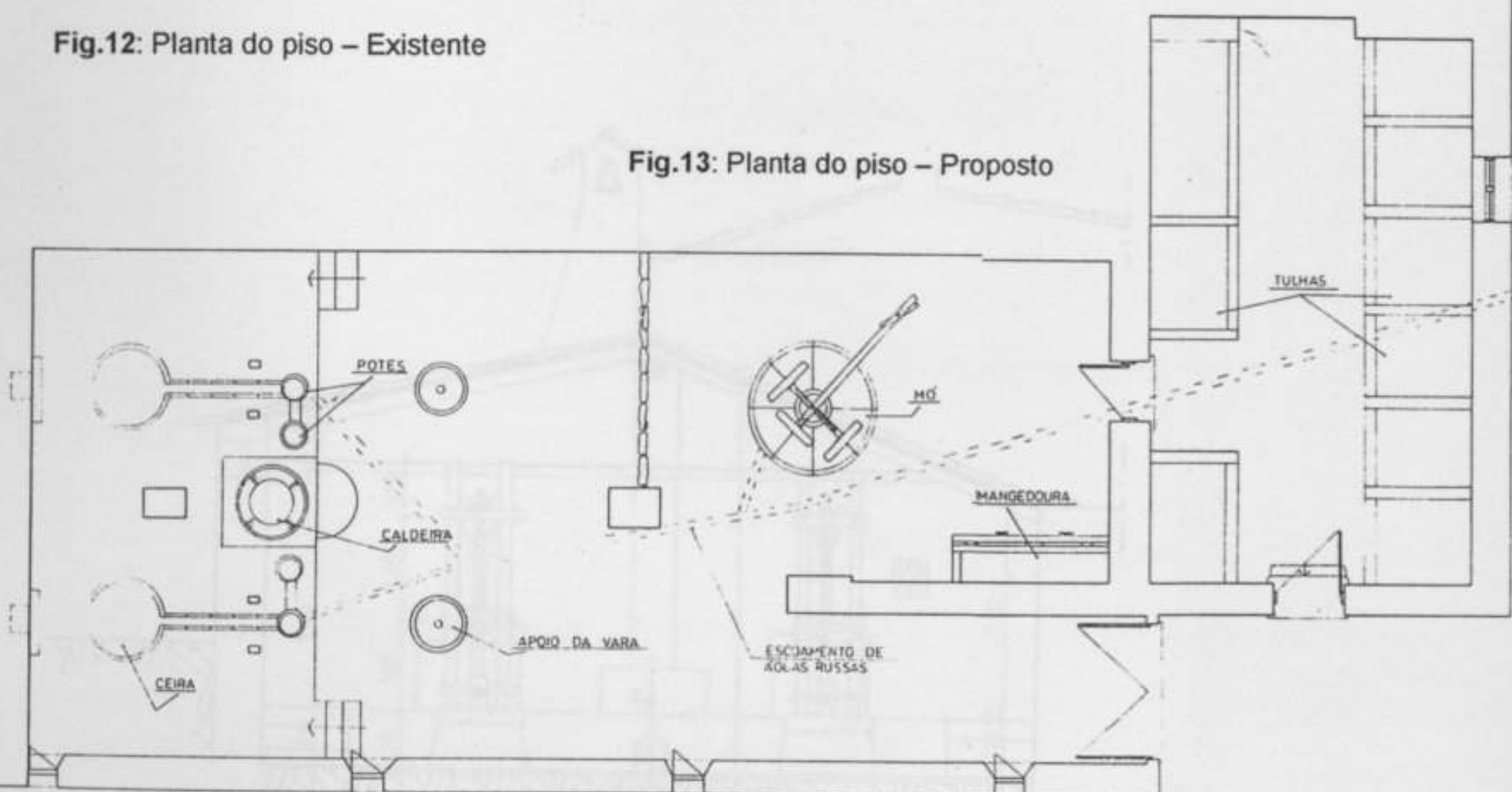


Fig.12: Planta do piso – Existente

Fig.13: Planta do piso – Proposto



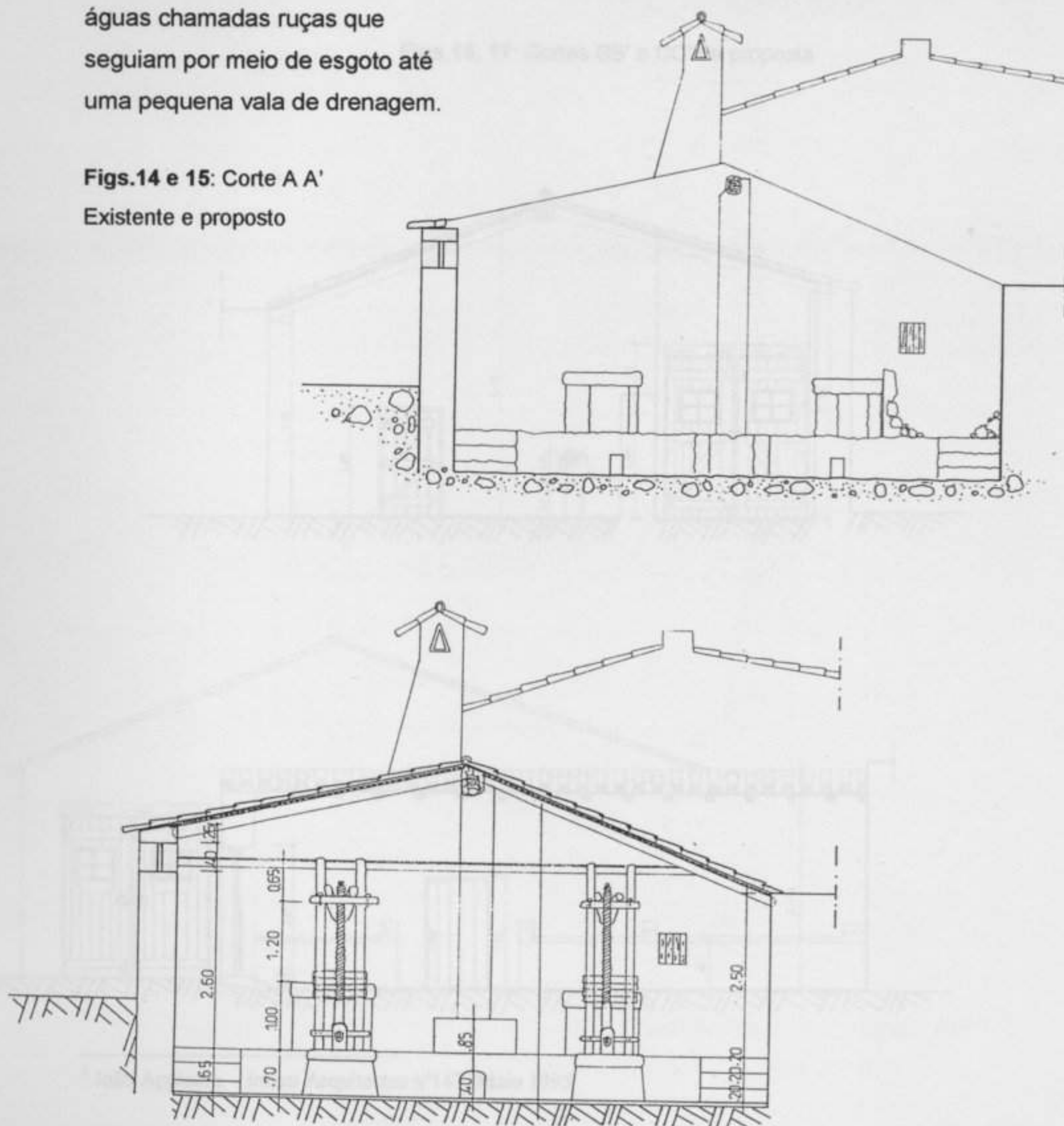


Assim, é fácil perceber que, depois de se juntar a azeitona colhida, nos locais destinados para tal, ela era levada até à mó onde, com a ajuda de um animal, era grosseiramente moída.

Esse mosto era levado para uma zona elevada, onde se encontravam as celhas. Aí se espalhava a azeitona esmagada para ser prensada manualmente com a ajuda das varas, deitando-se-lhe água quente (fornecida por meio de uma caldeira ao lume), para ajudar a desligar o azeite.

O líquido daí escorrido encaminhava-se, por meio de um canal, até um pote cerâmico enterrado no pavimento, do qual apenas o azeite emergia, passando limpo até um segundo pote donde era enfim retirado. O primeiro pote dispunha de um meio de escoamento das águas chamadas ruças que seguiam por meio de esgoto até uma pequena vala de drenagem.

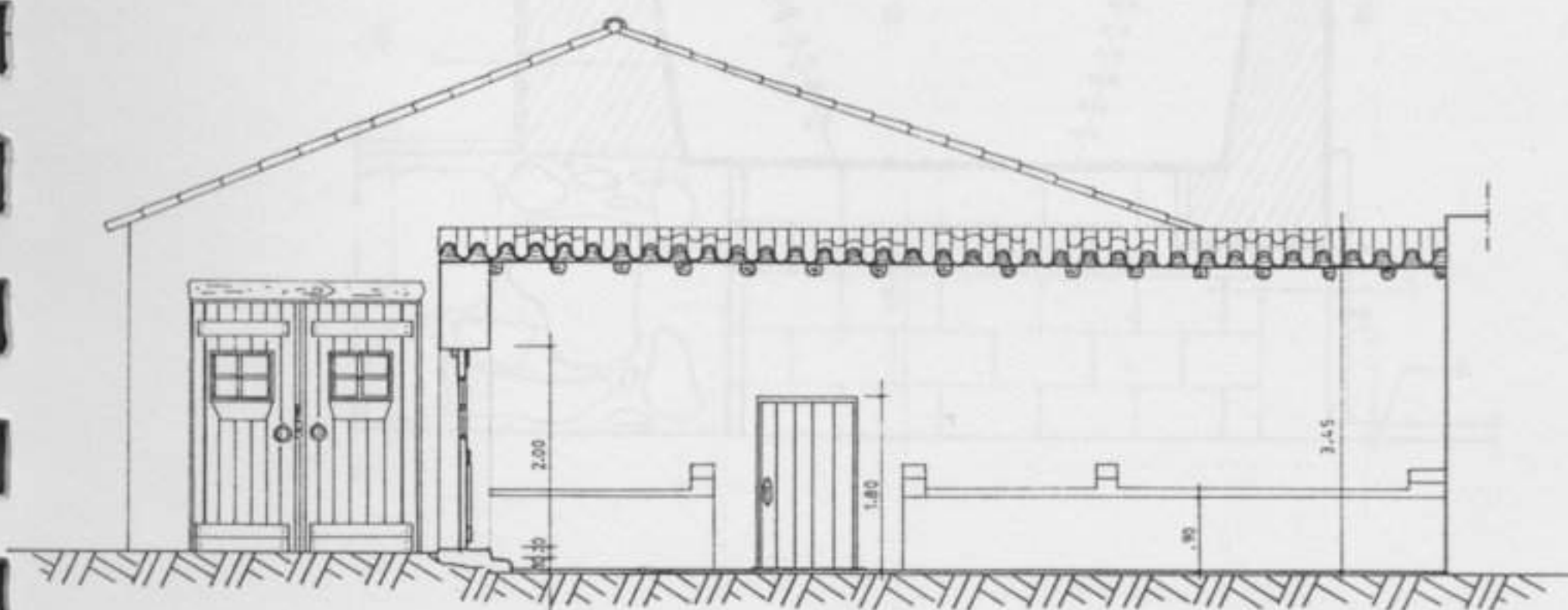
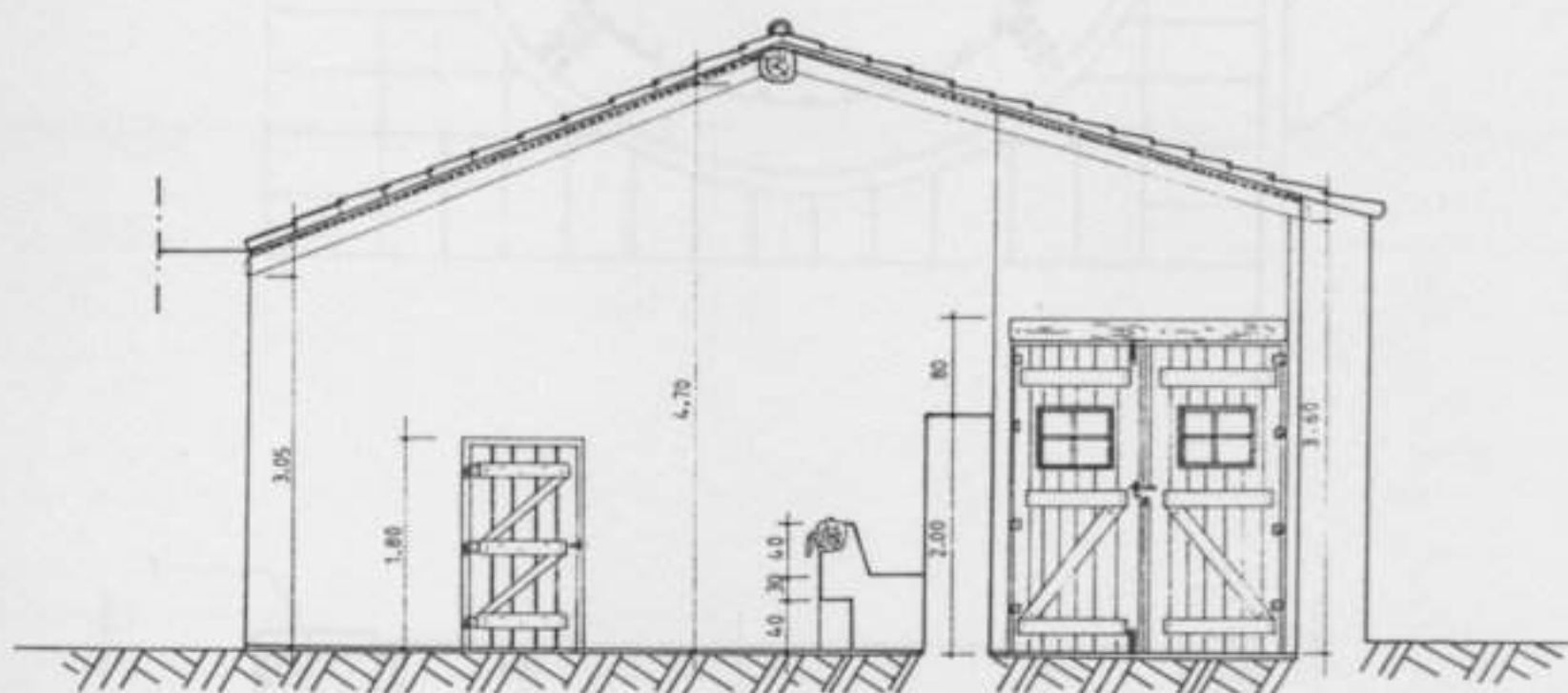
**Figs.14 e 15:** Corte A A'  
Existente e proposto



A proposta apostou na recuperação usando materiais tradicionais, facilmente encontrados na zona, o que permitirá reconstruir o lagar não nos afastando muito do seu aspecto inicial, apesar de ficar bem clara a idade da reconstrução.

" O facto dos edifícios antigos serem construídos com base num limitado número de materiais distintos, aliás de grande versatilidade, das argamassas e alvenarias, às madeiras e vidros, com base na terra, na argila, na pedra e na cal, tornava "fácil" e acessível o conhecimento empírico desses materiais e das técnicas utilizadas na sua aplicação [...]"<sup>5</sup>

Figs.16, 17: Cortes BB' e CC' da proposta

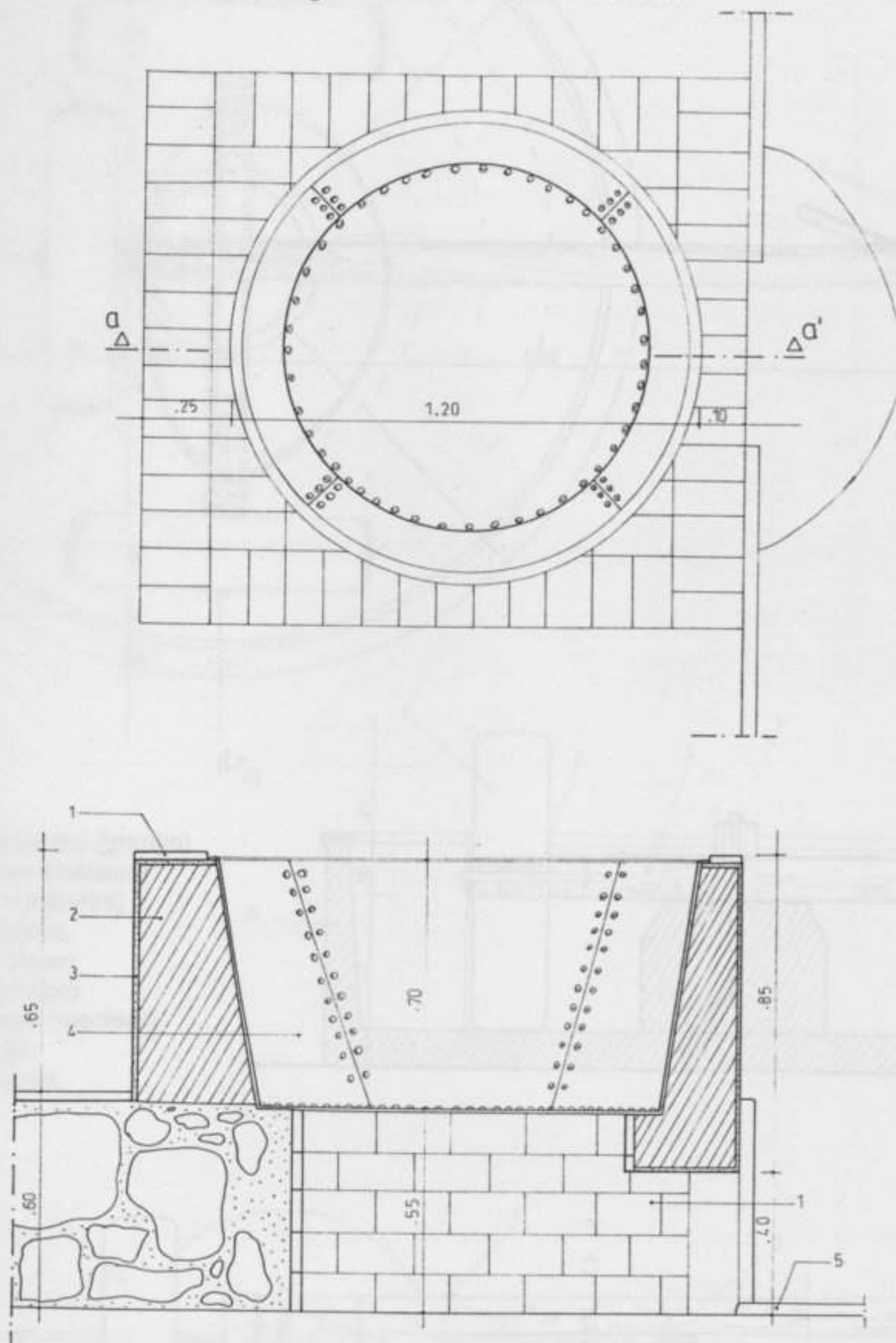


<sup>5</sup> João Appleton – Jornal Arquitectos nº147, Maio 1995



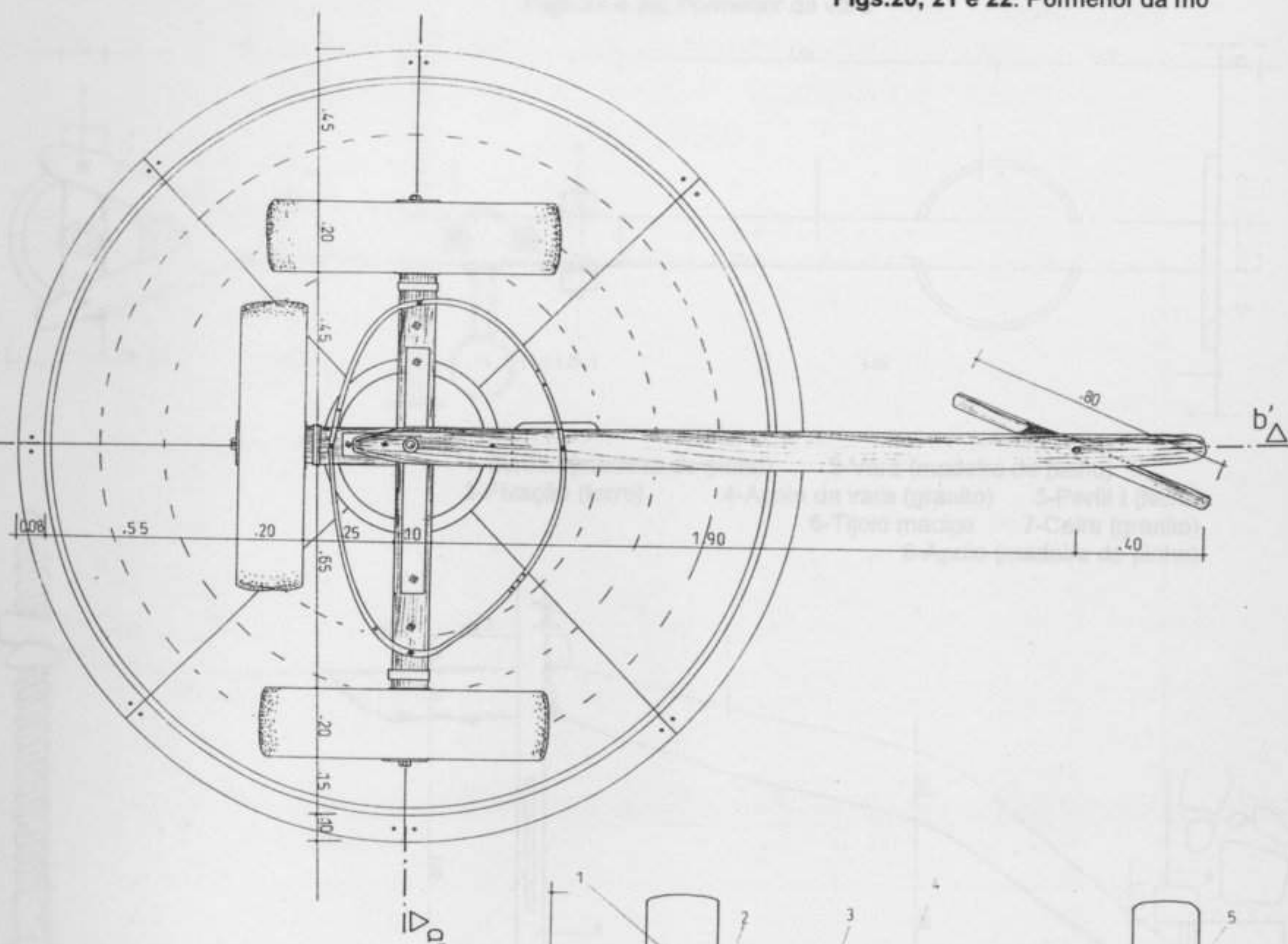
Na proposta os dispositivos foram dimensionados de forma a permitirem a reconstituição do modo de laboração no lagar. Para tal recorreu-se a uma pormenorização exhaustiva, que foi sem dúvida um dos aspectos mais interessantes do trabalho.

**Figs.18 e 19: Pormenor da caldeira**

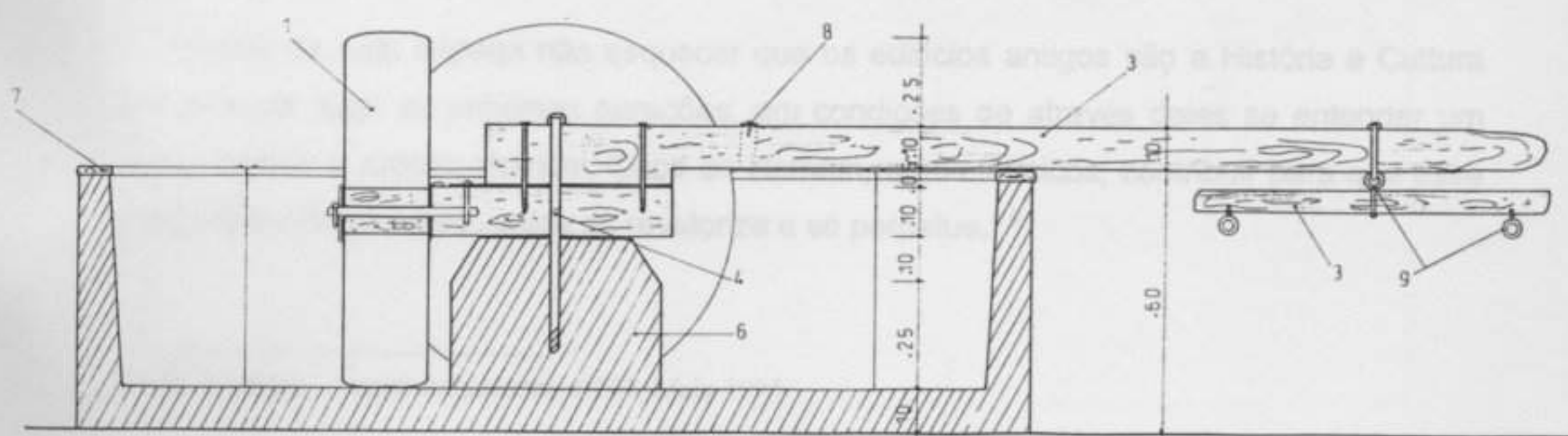
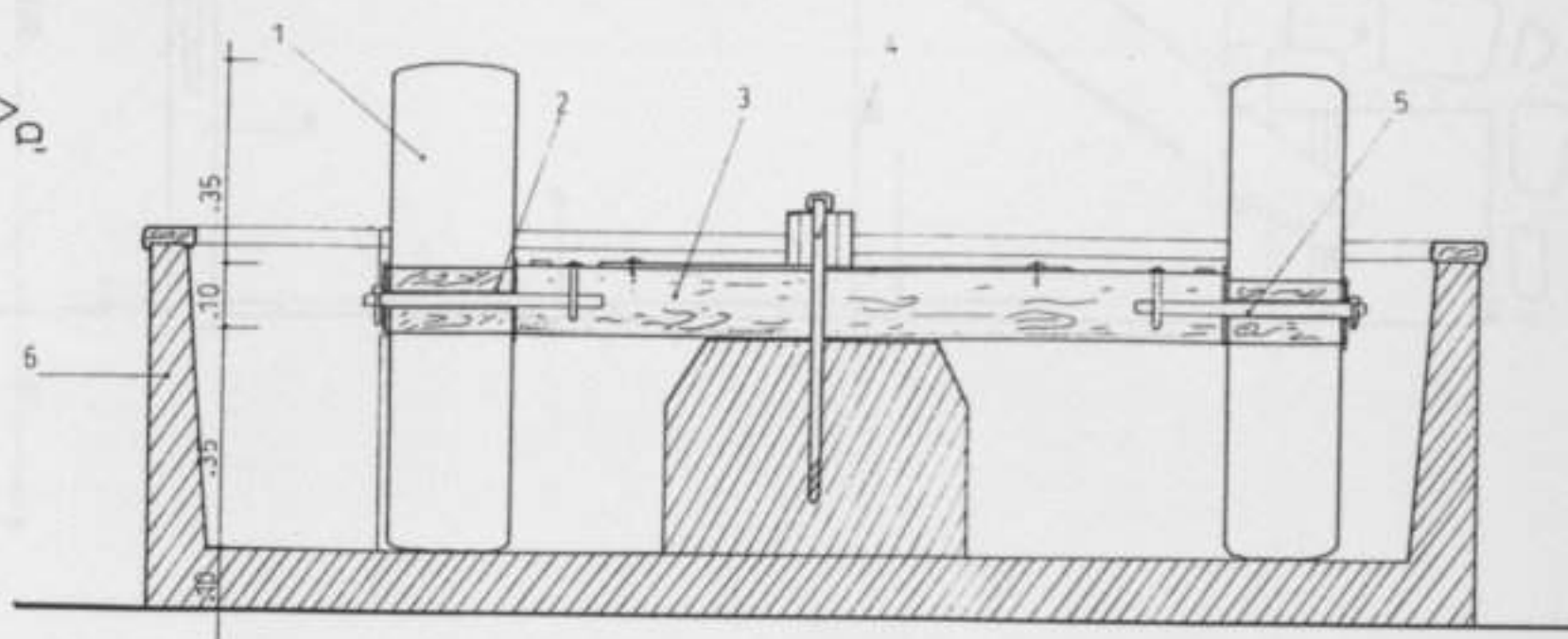


- 1-Tijolo maciço    2-Alvenaria de tijolo    3-Reboco fino  
 4-Caldeira de cobre    5-Lage de pedra

Figs.20, 21 e 22: Pormenor da mó



- 1-Pedra da mó (granito)
- 2-Encaixe (madeira)
- 3-Braço (madeira)
- 4-Eixo (ferro)
- 5-Tubo (ferro)
- 6-Mó (granito)
- 7-Rebordo (madeira)
- 8-Fixação
- 9-Ferragens

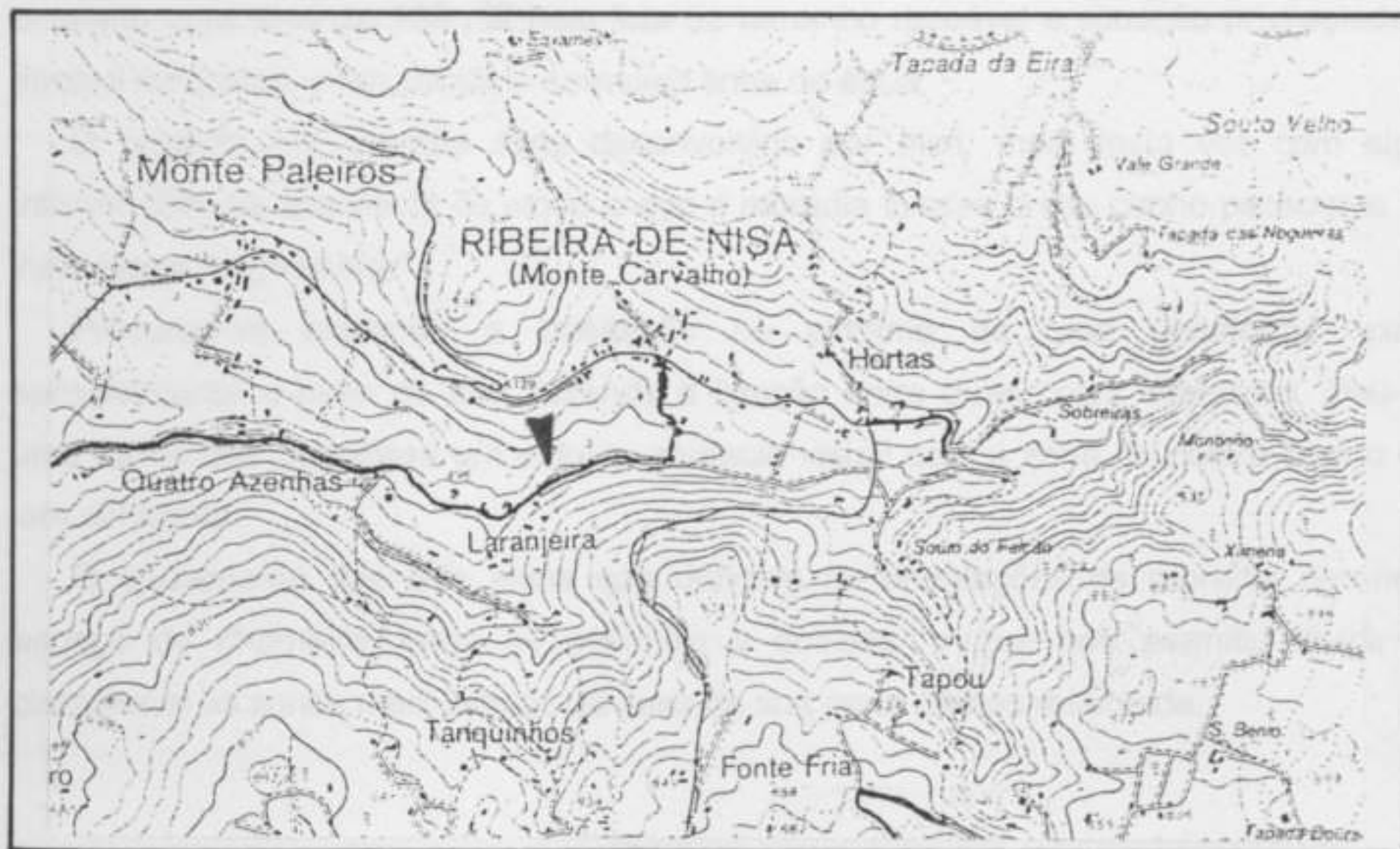






JOSÉ ALEXANDRE S. RODRIGUES MARQUES ABR. / MAI. 1998

CONSTRUÇÃO DE UMA MORADIA UNIFAMILIAR  
FONTE DO CAPITÃO, LOTE 2 - RIBEIRA DE NISA  
PORTALEGRE





#### 4. JOSÉ ALEXANDRE MARQUES

Depois da entrega da proposta de recuperação do lagar de varas, dei início aos estudos para outro projecto de uma moradia unifamiliar.

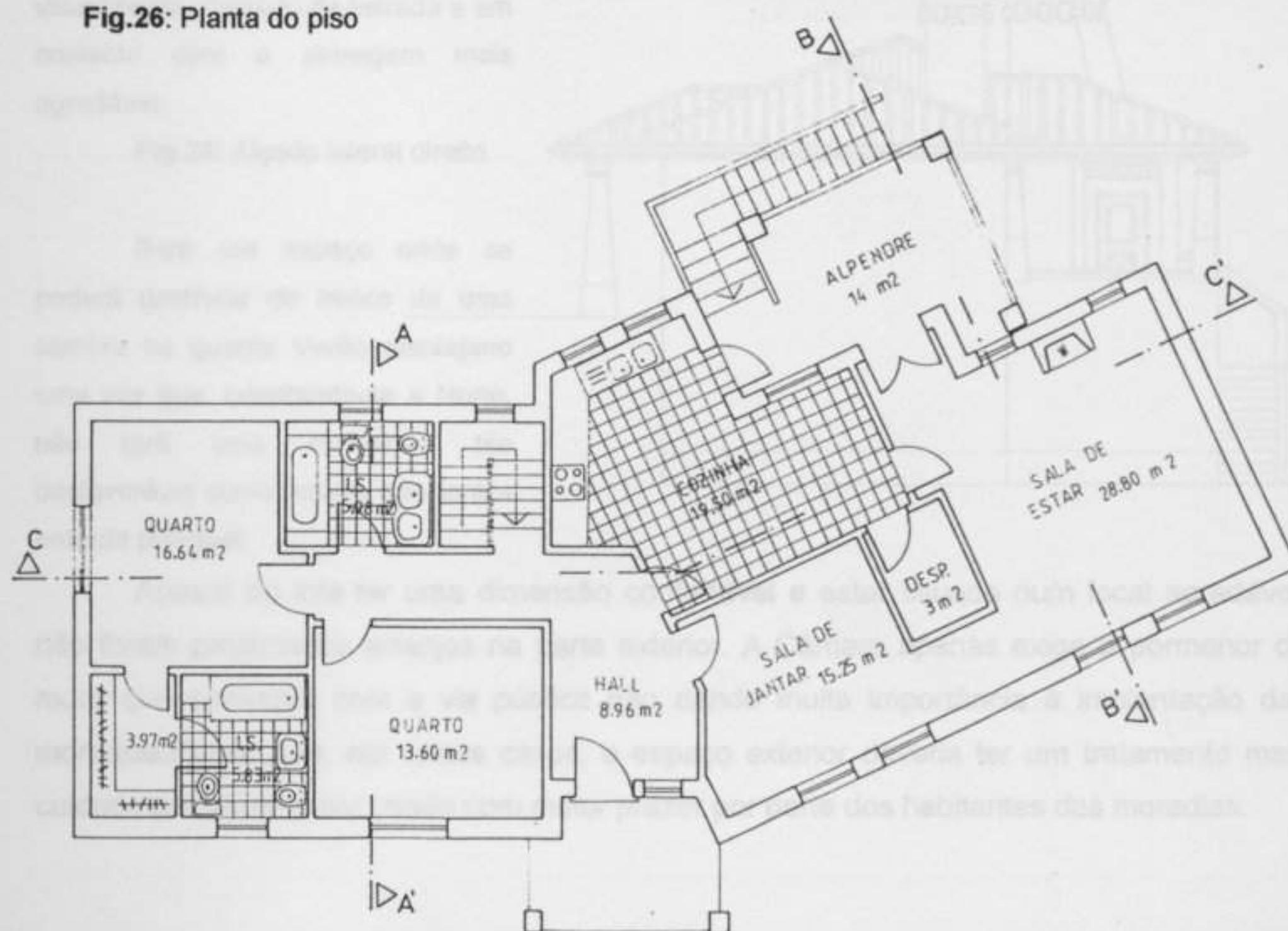
A habitação em questão, situada numa pequena freguesia dos arredores de Portalegre, ocuparia uma área de 180 m<sup>2</sup> num lote de tamanho razoável e situação privilegiada: com declive moderado e em contacto com uma linha de água.

O projecto em questão seria desenvolvido por mim, mas desta vez com algumas intervenções do arquitecto de modo a que a moradia tivesse o seu cunho pessoal, a marca inequívoca do gabinete.

Procurou-se implantar a habitação no extremo de uma plataforma existente sensivelmente a meio do lote, fazendo a ligação entre duas cotas diferentes. Deu-se-lhe uma forma que permitisse um estreito contacto visual com a zona do ribeiro com o qual o lote confronta.

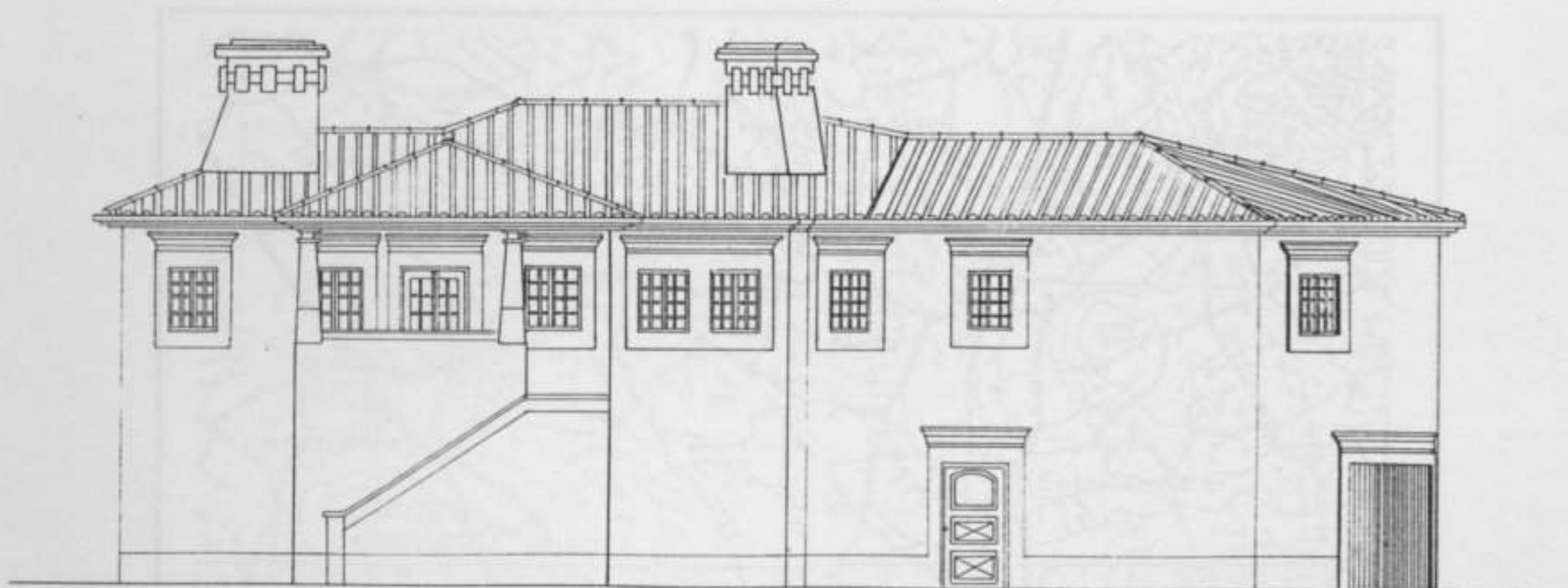
O cruzamento dos dois eixos que definem as orientações da moradia deu-nos um espaço de charneira, onde se encontra a entrada, o que nos permitiu dividir muito claramente as zonas mais íntimas da casa da sua parte menos reservada.

Fig.26: Planta do piso



Jogando com o declive, enquanto que do lado da entrada principal apenas existe o piso do rés do chão, assumindo a moradia total horizontalidade, quebrada apenas pelas chaminés, nas traseiras criou-se altura suficiente para aproveitar parte do piso inferior, para localização das garagens. Orientando-se no sentido do ribeiro existe um alpendre traseiro coberto, que certamente proporcionará bons momentos de lazer.

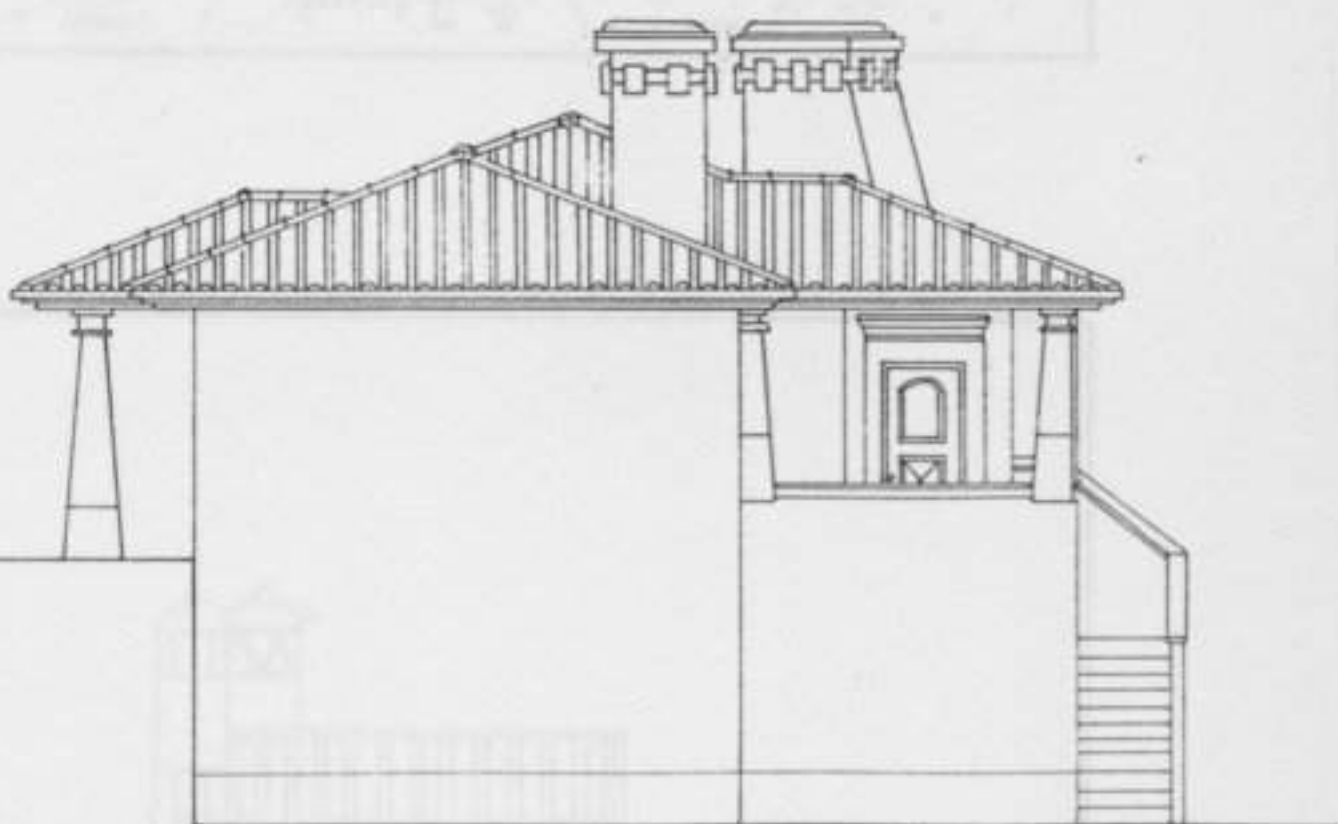
**Fig.27:** Alçado posterior



Aí, o espaço encontra-se visualmente afastado da estrada e em contacto com a paisagem mais agradável.

**Fig.28:** Alçado lateral direito

Será um espaço onde se poderá desfrutar do fresco de uma sombra no quente Verão alentejano uma vez que, orientando-se a Norte, não terá uma exposição tão desfavorável como aquela que terá a entrada principal.



Apesar do lote ter uma dimensão confortável e estar situado num local agradável, não foram projectados arranjos na parte exterior. A Câmara apenas exige o pormenor do muro que confronta com a via pública não dando muita importância à implantação das moradias. Penso que, em certos casos, o espaço exterior deveria ter um tratamento mais cuidado por forma a ser usado com maior prazer por parte dos habitantes das moradias.

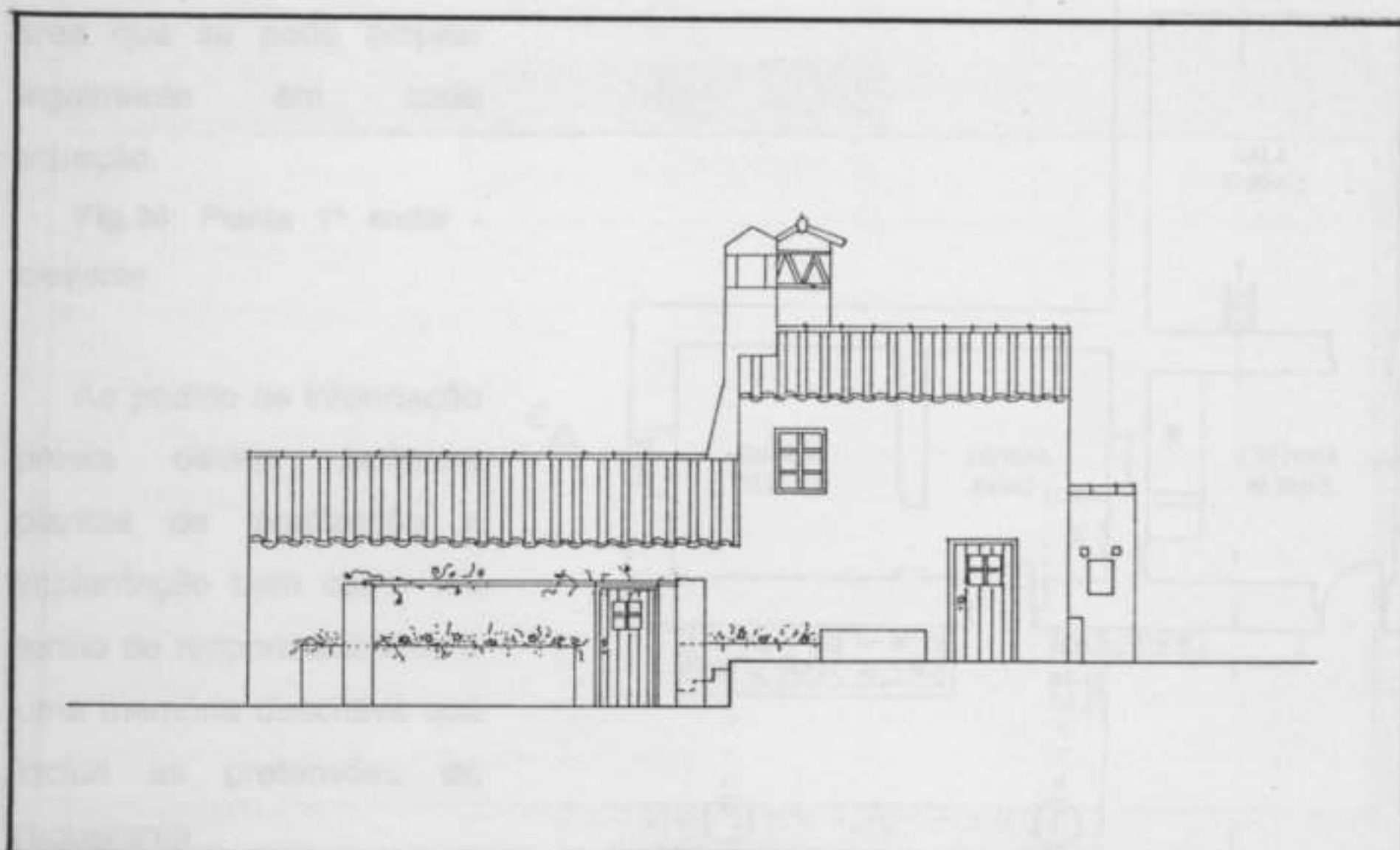
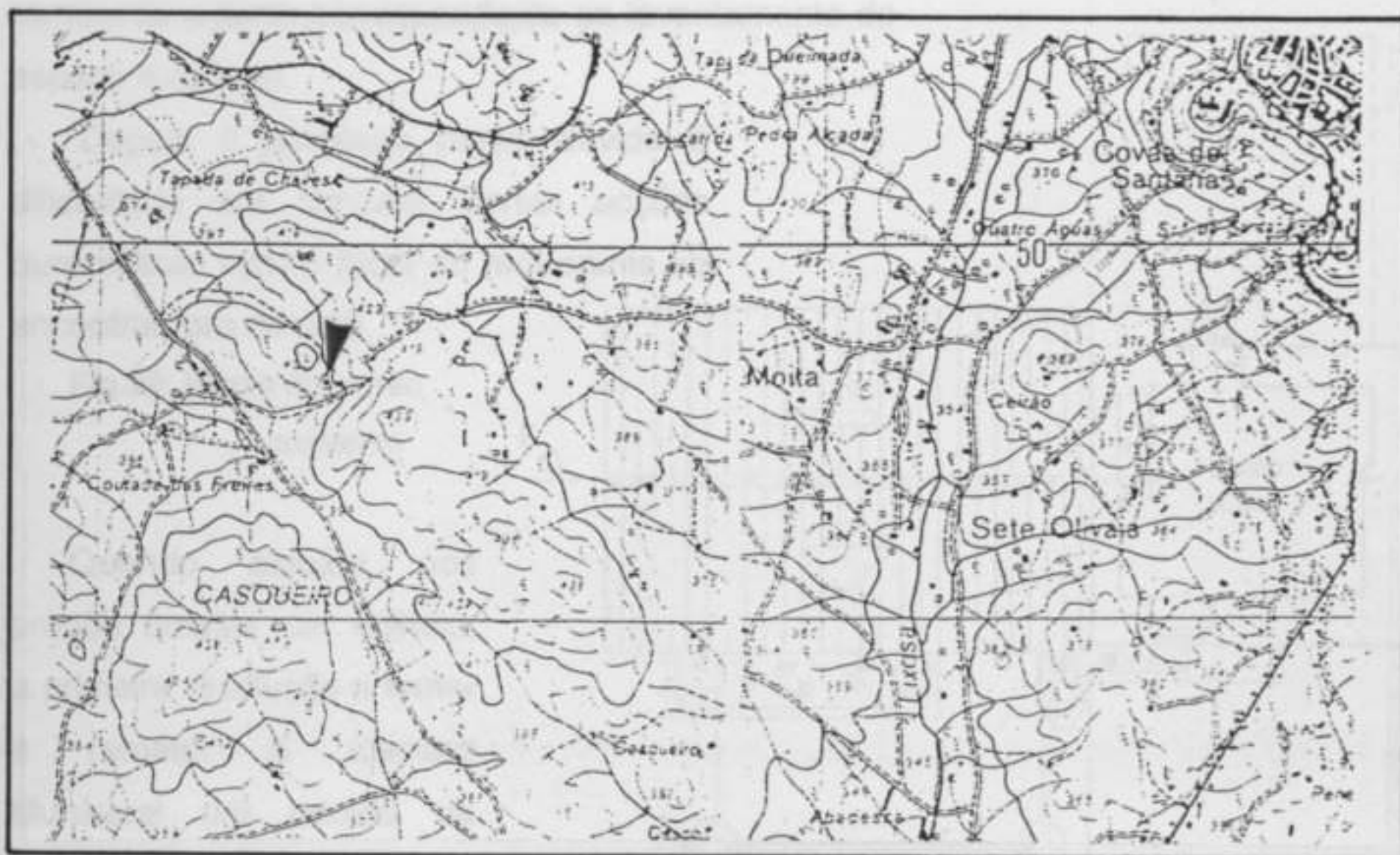


PEDRO ÁLVARO DE SOUSA

MAI. / JUN. 1998

RECUPERAÇÃO/AMPLIAÇÃO DE UMA MORADIA  
COUTADA DAS FREIRAS, Nº14 - FRANGONEIRO

PORTALEGRE



## 5. PEDRO ÁLVARO DE SOUSA

Como último trabalho de Estágio participei no projecto de recuperação e ampliação de uma pequena moradia situada em pleno meio rural.

À data do final do Estágio apenas se encontrava terminada a parte correspondente ao levantamento do espaço existente.

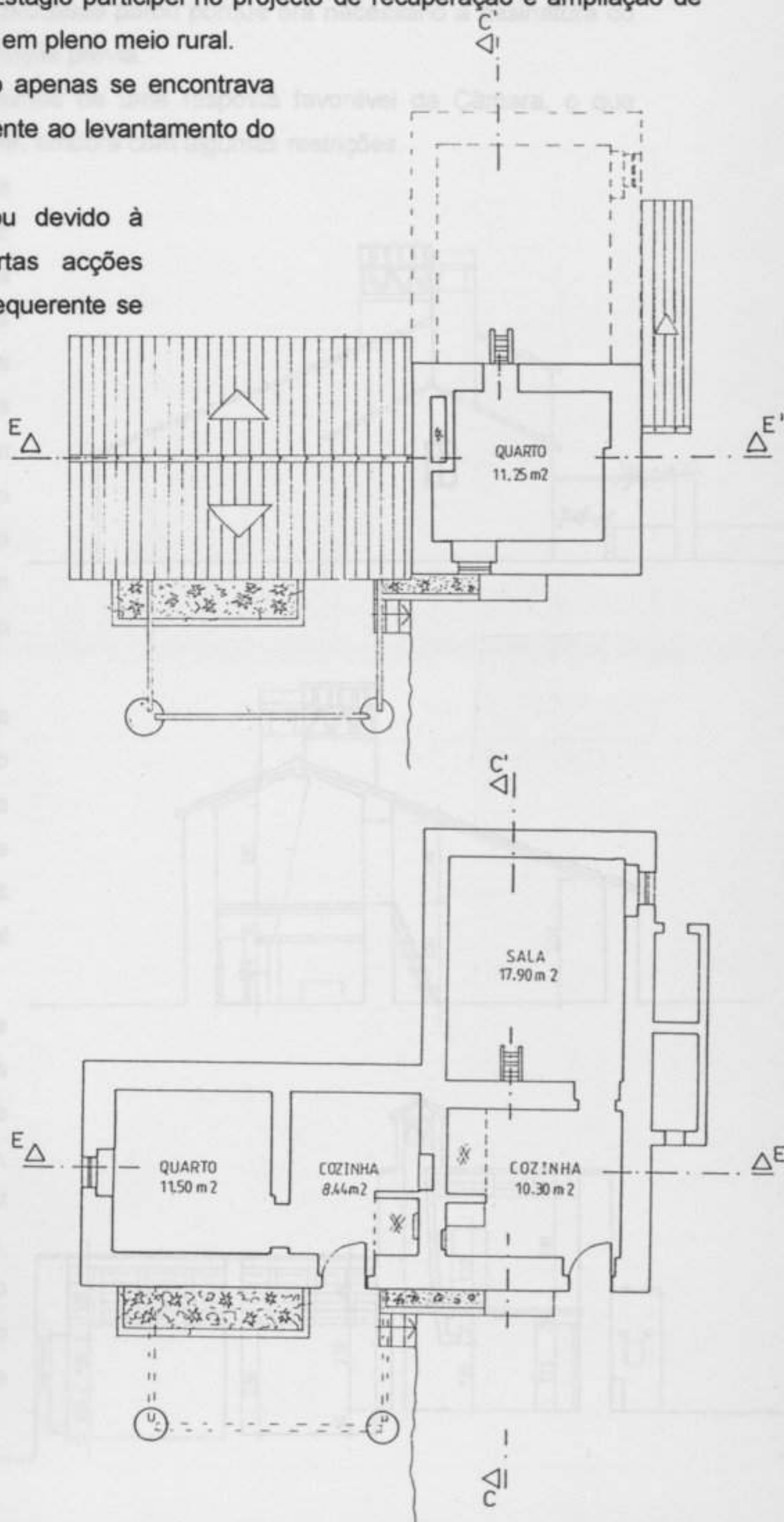
Depois o processo parou devido à dificuldade em conciliar certas acções burocráticas com o facto do requerente se encontrar fora do país.

**Fig.29:** Planta do r/chão  
- existente

Quando alguém nos propõe ampliar um edifício, a primeira resolução a tomar é remeter à Câmara Municipal um pedido de informação prévia (ver anexos Folha19) de modo a podermos estabelecer a área que se pode ampliar legalmente em cada situação.

**Fig.30:** Planta 1º andar - existente

Ao pedido de informação prévia devem juntar-se plantas de localização e implantação bem como um termo de responsabilidade e uma memória descritiva que inclua as pretensões do requerente.





**Figs.31, 32 e 33:** Alçado lat. esquerdo,

Corte CC', Corte EE'

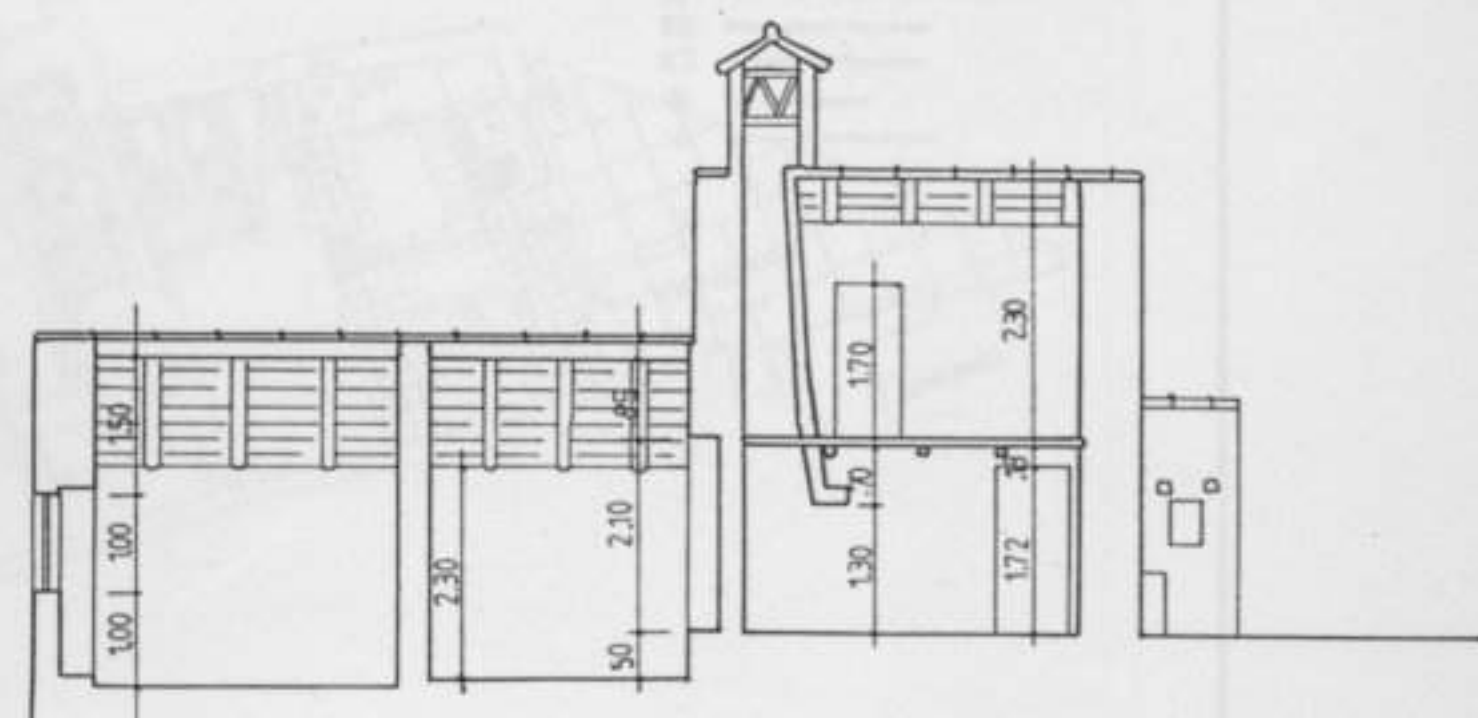
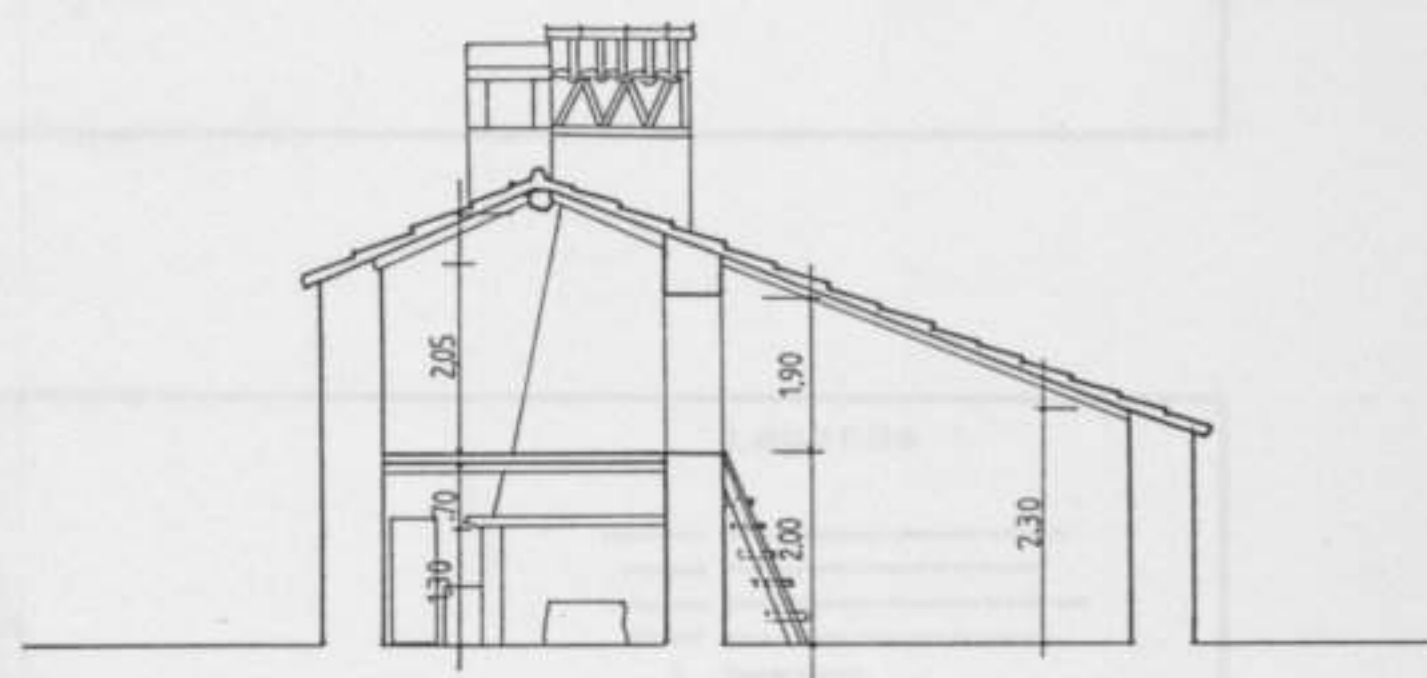
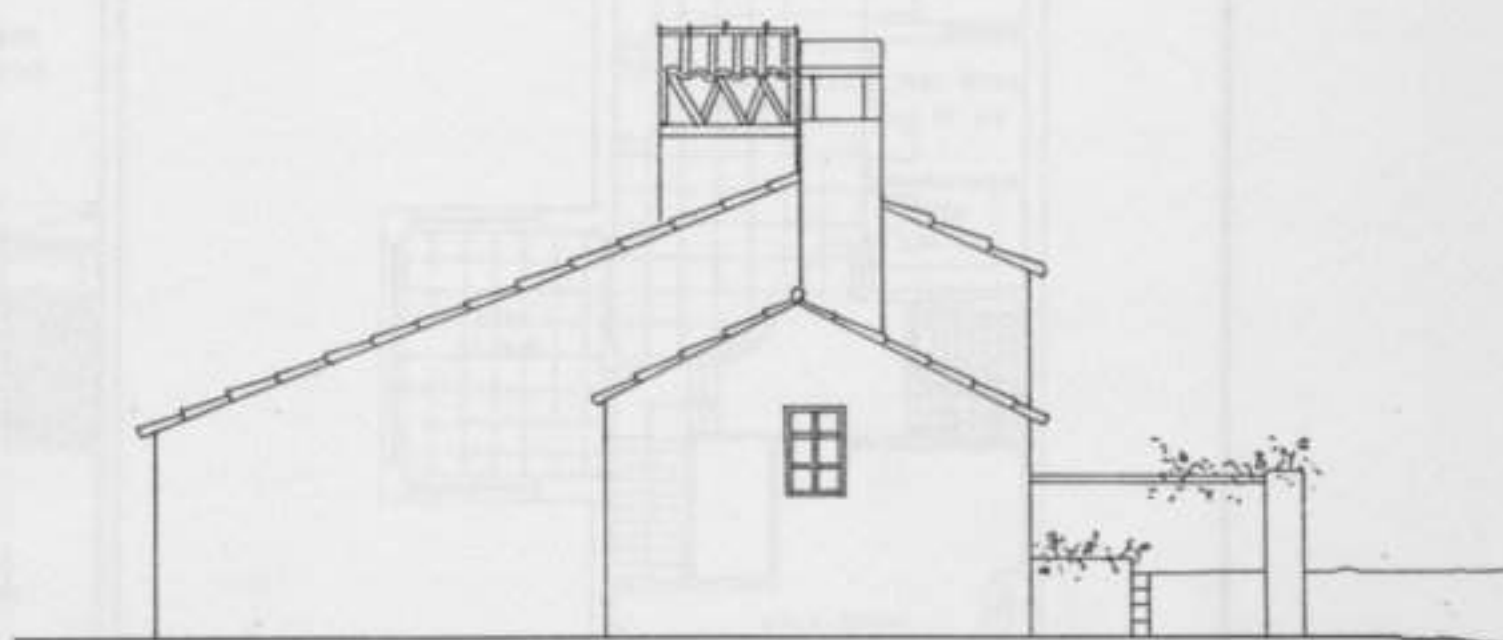
Foi precisamente aí que o processo parou porque era necessário a assinatura do requerente no pedido de informação prévia.

Para continuar necessitaríamos de uma resposta favorável da Câmara, o que nestes casos costuma acontecer, embora com algumas restrições.

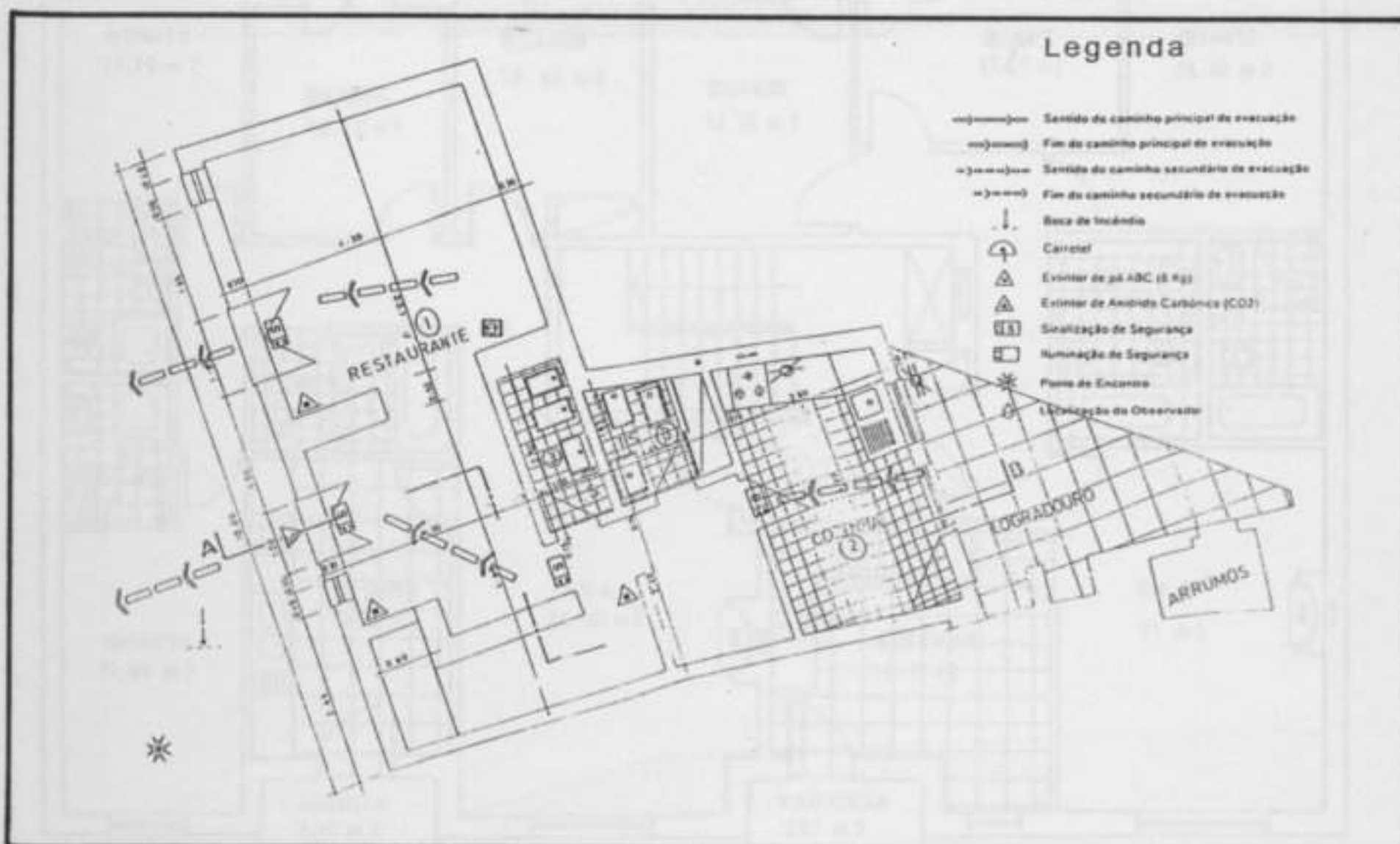
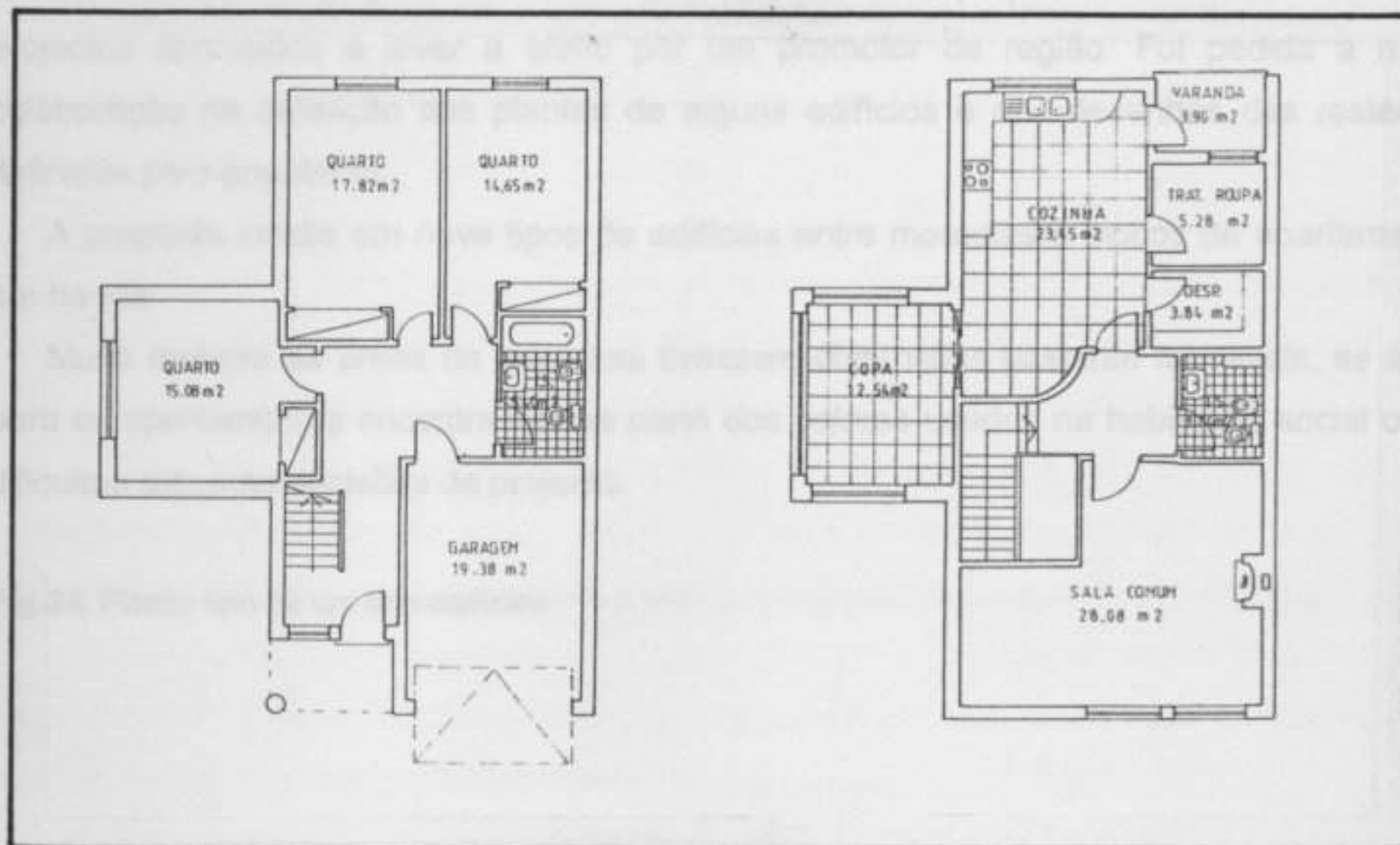
Por se encontrar a moradia numa zona rural é de prever que a percentagem de área a ampliar não corresponda às expectativas do cliente. Muitas vezes os proprietários destas moradias não compreendem porque não podem ampliar tudo aquilo que querem num lote do tamanho do que possuem sendo a legislação muito criticada.

No entanto, por ser a casa destinada apenas ao descanso sazonal de quem se encontra emigrado, penso que, mesmo com dimensões modestas servirá o propósito para a qual será concebida.

Em conversa com o cliente ficou estabelecido que a ampliação a fazer, muito embora ficasse ao meu critério, deveria manter o carácter rural inerente à sua implantação. Devo confessar que tal decisão me agradou bastante tornando o desafio do futuro projecto mais interessante.



**DIVERSOS**                      **JAN. / JUN. 1998**  
**PROJECTOS DE SEGURANÇA**  
**MARTINS & IRMÃO, LDA. - INDUSTRIAIS DE CONSTRUÇÃO CIVIL**  
**ESTUDO PRÉVIO - URBANIZAÇÃO DE SANTANA**  
**PORTALEGRE**





## 6. DIVERSOS

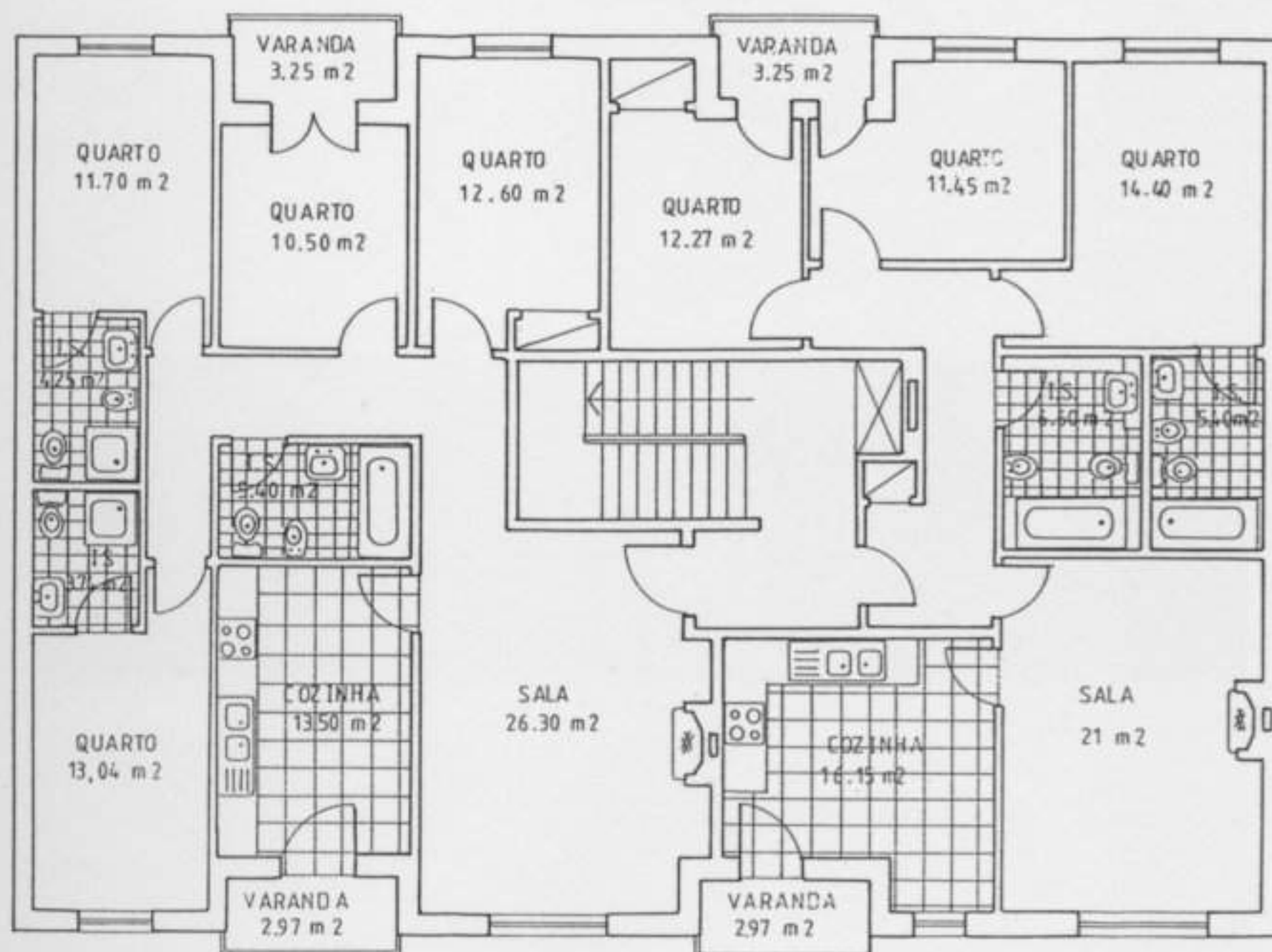
Para além da realização da totalidade dos cinco trabalhos referidos anteriormente, tive ainda pequenas participações, com a execução de variadas tarefas, noutros processos aos quais farei agora referência.

Uma das participações é a correspondente a uma proposta de loteamento com projectos aprovados a levar a efeito por um promotor da região. Foi pedida a minha colaboração na definição das plantas de alguns edifícios e nos desenhos das restantes, definidas pelo arquitecto.

A proposta incidia em nove tipos de edifícios entre moradias e blocos de apartamentos em banda.

Muito embora as áreas de moradias tivessem dimensões bastante razoáveis, as áreas para os apartamentos encontravam-se perto dos valores usados na habitação social o que dificultou algumas decisões de projecto.

**Fig.34: Planta tipo de um dos edifícios**



Outro tipo de participação foi a referente à colaboração com o arquitecto, que faz parte do Serviço Nacional de Bombeiros, em projectos de segurança contra incêndios.

Para cada projecto é necessária uma planta da implantação do edifício e uma planta do piso, onde se indicam os dispositivos de segurança bem como os caminhos a tomar em caso de emergência.

Lamento que a minha participação se tenha resumido aos desenhos necessários pois, desse modo, os conhecimentos adquiridos na matéria foram escassos.

Para além de todos os trabalhos atrás enumerados, executei ainda tarefas relacionadas com projectos em que não participei; fiz aquilo que dizíamos, por graça, ser a única coisa que faríamos durante o Estágio: tirar fotocópias e dobrar folhas.

Não senti que estivesse a fazê-lo por ser a estagiária (normalmente solicitada quando mais ninguém quer fazer uma tarefa), mas sim porque o montante de trabalho a realizar até à entrega dos trabalhos em questão exigia a minha ajuda.

Tive ainda a oportunidade de, acompanhando o arquitecto, visitar algumas obras projectadas no gabinete, tanto concluídas como ainda em fase de construção e até mesmo apenas os locais de futuras construções.

CAPÍTULO 3 - CONCLUSÕES



## CONCLUSÕES

Se considerarmos que, no início do Estágio, não se fixaram linhas orientadoras rígidas para o trabalho a desenvolver, então não poderemos realmente concluir se todos os objectivos foram alcançados ou não. No entanto, considerando que os trabalhos para os quais o arquitecto orientador pediu a minha colaboração foram realizados com brevidade durante o período do Estágio e que destes resultou uma série de novos conhecimentos para mim, penso que se pode considerar os objectivos deste Estágio plenamente atingidos.

Atentando nas minhas expectativas em relação ao Estágio e nos meus objectivos quando decidi matricular-me num gabinete em Portalegre, cabe-me também estabelecer algumas conclusões de outra ordem.

Em primeiro lugar, devo referir o facto de o Estágio ter superado as minhas expectativas no que toca aos conhecimentos adquiridos durante esse período. O facto de me ter sido permitido participar e contactar com os clientes, integrando-me perfeitamente numa equipa de trabalho, faz com que a longo ocupado com o Estágio não se reveleza infuante.

Para a minha total integração deve ter contribuído o facto de ter estagiado num gabinete numa cidade pequena onde as relações entre profissionais e entre estes e os clientes assumem, na maioria das vezes, um carácter de quase vizinhança.

Quanto às experiências vividas é a arquitectura praticada durante o período do Estágio, devo concluir que se revelou bastante diversa da praticada na Faculdade, como se segue a seguir.

Na Faculdade ensinam-se-nos a fazer uma planta conhecida que nos apresenta a arquitectura como sendo a soma de 5% de inspiração com 95% de transpiração, na realidade, pode agora concluir-se que a arquitectura é resultado de 5% de inspiração somada a 95% de respiração. Apesar do trocadilho da afirmação, o certo é que muitas vezes se sacrificam as ideias e as soluções em nome da realidade.

## CAPÍTULO 3 - CONCLUSÕES

Aqui, e como referia anteriormente, a maioria dos projectos são aqueles que se destinam ao utente, pois que se privilegia o privado sobre o público e não a espaços públicos ou habitações colectivas de vertente de que se trata.

## CONCLUSÕES

Se considerarmos que, no início do Estágio, não se fixaram linhas orientadoras rígidas para o trabalho a desenvolver, então não poderemos realmente concluir se todos os objectivos foram alcançados ou não. No entanto, considerando que os trabalhos para os quais o arquitecto orientador pediu a minha colaboração foram realizados com brevidade durante o período de Estágio e que deles resultou uma série de novos conhecimentos para mim, penso que se podem considerar os objectivos deste Estágio plenamente atingidos.

Atentando nas minhas expectativas em relação ao Estágio e nos meus objectivos quando decidi realizá-lo num gabinete em Portalegre, cabe-me também estabelecer algumas conclusões de outra ordem.

Em primeiro lugar, devo referir o facto de o Estágio ter superado as minhas expectativas no que toca aos conhecimentos adquiridos durante esse período. O facto de me ter sido permitido projectar e contactar com os clientes, integrando-me perfeitamente numa equipa de trabalho, fez com que o tempo ocupado com o Estágio não se revelasse infrutífero.

Para a minha total integração deve ter contribuído o facto de ter estagiado num gabinete numa cidade pequena onde as relações entre profissionais e entre estes e os clientes assumem, na maioria dos casos, um carácter de quase vizinhança.

Quanto às experiências vividas e à arquitectura praticada durante o período de Estágio, devo confessar que se revelou bastante diversa da praticada na Faculdade, como a seguir justificarei.

Na Faculdade costumávamos ouvir uma frase conhecida que nos apresentava a arquitectura como sendo a soma de 5% de inspiração com 95% de transpiração; na realidade, pude agora constatar ser a arquitectura o resultado de 5% de inspiração somado a 95% de negócio. Apesar do exagero da afirmação, o certo é que muitas vezes se sacrifica a arquitectura às leis de consumo, às regras das Câmaras, aos desejos dos clientes. Muitas vezes se aposta em trabalhos não remunerados como uma espécie de marketing. Muitas vezes não nos permitem sequer 5% de inspiração no projecto.

Tenho a noção de que realizando o estágio em Lisboa, por exemplo, e decorrendo das características inerentes a cada cidade, conheceria outra realidade, participaria noutro tipo de projectos e ajudaria a resolver outro tipo de questões.

Aqui, e como referido inicialmente, a maioria dos projectos são aqueles que se destinam ao utente, pois que se referem a moradias próprias e não a espaços públicos ou habitações decorrentes da vontade de um promotor.



" O que o arquitecto produz é sempre um produto semi-acabado. Na ponta final encontra-se sempre aquele que o usa; e ao usá-lo fá-lo com a liberdade que o assiste, que é uma interpretação pessoal do facto criado: conclui-o." <sup>7</sup>

Torna-se muito complicado projectar moradias, não pela dimensão ou dificuldades inerentes ao edifício, mas sim porque na maioria dos casos não nos é sequer permitido projectar.

Ao decidir construir a sua casa o cliente não se encontra, na maior parte das vezes, na disposição de entregar a tarefa ao arquitecto para que este a realize sozinho. Quase todos gostam de interferir e todos dão uma qualquer orientação, que desde logo limita a liberdade total de projecto.

Quando alguém compra um quadro não vai certamente em casa dar-lhe umas pinceladas para tomá-lo mais a seu gosto. O cliente interpreta a obra, compra-a, e em casa admira-a, mas não actua sobre ela.

Com a arquitectura tal não acontece uma vez que é suposto o utente agir sobre a obra, já que a sua tarefa, para além da interpretação do espaço, é também ocupá-lo activamente.

Se com os edifícios públicos é fácil compreender que a ocupação se faça com interferências mínimas no espaço projectado, já com as habitações a realidade se apresenta diferente. Na sua casa o Homem não se contenta com a simples ocupação do espaço e, de um modo geral gosta de intervir logo na sua concepção. Muito embora para o arquitecto essa faceta não seja a mais desejada num cliente, facilmente compreendemos que muitas pessoas queiram definir com rigor um espaço que ocuparão a maior parte da sua vida e a que querem chamar seu.

O que seria desejável era que essas pessoas confiassem nas capacidades dos profissionais pois estes poderão certamente, com breves linhas orientadoras, conceber moradias que preencham as necessidades de cada um, mas que simultaneamente contenham algo do seu criador.

" O arquitecto difere dos outros técnicos na medida em que o seu fazer é um fazer artístico. Por outro lado, o arquitecto difere também dos outros artistas na medida em que a sua obra está marcada por um forte cunho de utilidade. Isto dá-lhe uma responsabilidade particular que não é partilhada por nenhum dos outros artistas." <sup>8</sup>

<sup>7</sup> TAINHA, Manuel, *Arquitectura em questão*, Edição da AEFA UTL, Lisboa, 1994, pág.6

<sup>8</sup> Ibidem, pp. 61, 62

A arquitectura realizada em Portalegre, de um modo geral, pode encaixar-se em três tipos :

- As moradias projectadas por desenhadores, que geralmente se identificam pela sua simplicidade de linhas e por uma uniformização de aspecto, que nos leva a acreditar que os projectos das mesmas sejam apenas adaptações de um projecto reproduzido durante anos.

- As moradias projectadas por arquitectos, que buscam um tipo de arquitectura mais pessoal e adaptado a cada caso, mas que continuam a respeitar os cânones duma pretensa arquitectura tradicionalmente alentejana.

- Os edifícios públicos, geralmente patrocinados por um promotor, desenhados por arquitectos que muitas vezes não conhecem a cidade nem a realidade da sua população, mas que buscam uma arquitectura que consideram moderna e que depois oferecem à cidade edifícios estranhos que não parecem ter qualquer relação com o tecido urbano em que se inserem.

Seria talvez importante e de grande interesse fazer estudos no sentido de se perceber se a arquitectura praticada em certos locais está gradualmente a melhorar ou se, pelo contrário, estagnou e não consegue dar nada de positivo à cidade.

Penso que, no caso de Portalegre, só agora começou o despertar das entidades competentes no sentido de se apostar em estruturas que confirmem à cidade um ar de modernidade que ainda não possui. Infelizmente, ainda em muitos casos os interesses políticos e económicos ditam as regras do jogo e a arquitectura não passa de mais um negócio.

Muito embora a zona industrial da cidade se encontre em franca expansão, Portalegre não possui estruturas capazes de atrair população pois que são escassos os investimentos em edifícios relacionados com a cultura e o turismo.

Os edifícios emblemáticos continuam a ser aqueles construídos no passado, a Câmara, a Sé, o Tribunal. Os centros comerciais recentemente construídos não podem aspirar a tal distinção uma vez que não foram concebidos por forma a marcarem convenientemente um troço de cidade. Muito há ainda por fazer no campo da arquitectura na minha cidade.



## BIBLIOGRAFIA

MOUTINHO, Mário, *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Editorial Estampa, Lisboa, 1979.

TAÍNHA, Manuel, *Arquitectura em Questão*, Edição A.E.F.A., U.T.L., Lisboa, 1994.

*Carta de Veneza*, Edição da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios, Lisboa, 1986.

"Jornal Architectos" nº147, Publicação da A.A.P., Lisboa, 1995.

*Regulamento Geral das Edificações Urbanas*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1996.

NEXOS

ANEXOS

FOLHA 1

FOLHA 2



## FOLHA DE ENTRADA DE PROJECTO

Processo nº \_\_\_\_/\_\_\_\_

Proprietário: \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

Contribuinte nº \_\_\_\_\_ B.I. nº \_\_\_\_\_, data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, emissão \_\_\_\_\_

Estado Civil \_\_\_\_\_, Profissão: \_\_\_\_\_

Contatos: \_\_\_\_\_

Projecto: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Freguesia: \_\_\_\_\_, Concelho: \_\_\_\_\_

Área.....

Pisos.....

Cozinha.....

Despensa.....

Lavanderia.....

Máquinas.....

Tr. Roupas.....

Copa.....

Escritório.....

Sala Jantar.....

Sala Estar.....

Lareira.....

Quartos.....

Roupeiros.....

Casas Banho.....

Garagem.....

Sótão.....

Piscina.....

Banheiros.....

Churrasco.....

Observações:

Data de Entrada: / /

## FOLHA DE GESTÃO DE PROJECTO

Processo nº \_\_\_\_\_

Requerente: \_\_\_\_\_ Contacto: \_\_\_\_\_

Projecto: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

[illegible]

REGISTO DE ENTRADA	Reg. - N.º ..... Lin.º ..... Proc. - N.º ..... N.º Doc. .... Em ..... / 1999 O FUNCIONÁRIO
DESPACHO SANEADOR	Vista o proc. e informação branca de ..... / 1999 (Rs. ....) compareço e disponço no [ ] a ..... e ..... do art. 13.º da Dec. Lei n.º 415/91 (7) Em ..... / 1999 O PRESIDENTE DA C. M.
INFORMAÇÃO FINAL	
RESOLUÇÃO	DEFERIDO Considero subscrita Em ..... / 1999 O PRESIDENTE DA C. M.

REQUERENTE Ex.<sup>ma</sup> Sr.  
Presidente da Câmara Municipal de PORTALEGRE

(1) ANTONIO MARIA BAPTISTA POBOD, (2) CASADO  
N.º 1186151141132, com sede/morada RUA ALEXANDRE HERCULANO  
LITE, N.º 411, andar, na localidade  
de VALE DE CAVALOS, freguesia de ALEGRETE,  
do Município de PORTALEGRE, na qualidade de ☒ - proprietário; ☐ - usufrutuário;  
☐ - locatário; ☐ - (3)

— OBJECTO DO PEDIDO —

Requer a V. Ex.<sup>a</sup>, em conformidade com o disposto no Decreto-Lei n.º 445/91, de 20/11, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 250/94, de 15/10, se digne promover que seja APROVADO O PROJECTO DE ARQUITECTURA E/OU LICENCIAMENTO da obra de (\*) CONSTRUÇÃO DE MORADIA UNIFAMILIAR, a que se refere a "INFORMAÇÃO PRÉVIA" emanada dessa Câmara Municipal, com data de \_\_\_/\_\_\_/199\_\_\_, e cuja documentação, adiante se descremina e anexa.

A obra em causa será realizada no ☐ - prédio, ☐ - rústico, ☐ - urbano, ☐ - fracção urbana.

☒ - Lote 15, ☐ - \_\_\_\_\_, que se situa na ☐ - (\*) URBANIZAÇÃO DE VALE DE CAVALOS - PALHEIRÃO com o n.º de polícia \_\_\_\_\_, andar, na localidade de VALE DE CAVALOS que está inscrito na matriz predial da freguesia de ALEGRETE do concelho de PUKTALEKLE, sob o artigo 16.º, e na Conservatória do Registo Predial, sob o n.º 00.115/0116 do Livro 14 E VIA PÚBLICA, SUL, LOTE 16 E ANA DA CONCEIÇÃO 6.º AND. ADJACENTE - LOTE 16 E VIA PÚBLICA, POENTE - LOTE 14 E ANA DA CONCEIÇÃO CATÓ.

- (1) - Com as alterações do Dec. Lei. n.º 250/91, a Fun.ª 1115-031, de 15/12.
- (2) - Não há determinação da requisição.
- (3) - Conforme os dados, estado civil da requerente, no tendo limit. conjugal ou estatual ou proteção fiscal, indicar o sexo respectivo (casado ou solteiro etc., divorciada, etc.).
- (4) - Outra situação a considerar.
- (5) - Contribuição nova de ... - respectivo, anotação de ... etc.
- (6) - Rua, cidade, logar ... para de ... n.º ... endereço ... estado ...
- (7) - Se não for possível, maior determinação deve apresentar argumentos que provem o direito de propriedade do prédio, da ligação ou do lote e para outros conhecimentos, relação ao imóvel a seguir pedido. Se no plano de localização ou em implantação as indicações as conveniências corretas lástis não estiver conforme planta de localização ou do empreendimento.

— OBJECTO DO PEDIDO (Cont.) —

A construção em causa ALVARÁ vai ser sujeita ao REGIME DE PROPRIEDADE HORIZONTAL, e situa-se na seguinte área:

☐ - c/ Plano de Pormenor (art.º 10.º); ☐ - c/ Alvará de Loteamento (art.º 10.º); ☐ - c/ Plano de Urbanização (art.º 31.º); ☐ - sem Plano Municipal da Ord. Territ.º ou Alvará de Loteamento (art.º 42.º);

☐ - Zona de (º) \_\_\_\_\_

☐ - (º) \_\_\_\_\_ utilizar a via pública com \_\_\_\_\_ m² para \_\_\_\_\_

DOCUMENTOS ANEXOS		JUNTOS A ESTE REQUERIMENTO — Quantidade —	
1.	<input type="checkbox"/> Hipótese do art.º 15.º ou 34.º; (*)	<input checked="" type="checkbox"/>	Indicação dos projectos das especialidades que se propõe apresentar;
	<input checked="" type="checkbox"/> Projecto de arquitectura, com mandado descriptiva, plantas, cortes, alçados e pormenores de execução;	<input type="checkbox"/>	Aplicação da seguro dos projectos, quando legalmente exigível;
	<input type="checkbox"/> Projecto de execução de obra, nos casos em que, pelo tipo e dimensão da obra a realizar, seja manifestamente inaplicável a apresentação de um projecto de arquitectura, designadamente no caso de realiação de trabalhos que não possuam natureza exclusivamente agrícola implicando a alteração da topografia local;	2. <input type="checkbox"/>	Hipótese do art.º 40.º (*)
	<input checked="" type="checkbox"/> Documento comprovativo da legitimidade do requerente;	<input type="checkbox"/>	Para além dos elementos do n.º 1, também mandará justificar a adequabilidade do projecto com a política do ordenamento do território do plano director municipal;
	<input checked="" type="checkbox"/> Extracto da planta sinistral do plano ou da planta anexa ao tomento ou, em alternativa, planta a escala de 1:25 000 ou de 1:2 000, ou superior, com a indicação precisa do local onde se pretende executar a obra;	3. <input type="checkbox"/>	Hipótese do art.º 45.º (*)
	<input checked="" type="checkbox"/> Termos de responsabilidade dos autores dos projectos;	<input type="checkbox"/>	Para além dos elementos do n.º 1, e sempre que não tiver havido lugar ao pedido da informação prévia e esta esteja em vigor, junta;
	<input checked="" type="checkbox"/> Estimativa do custo total da obra;	<input type="checkbox"/>	Extracto da carta da Reserva Agrícola Nacional, arrendando os solos que se pretendem utilizar ou, quando esta não exista, parecer sobre a capacidade de uso, emitido pelos serviços competentes para o efeito.
	<input checked="" type="checkbox"/> Calendarização da execução da obra;		Extracto da carta da Reserva Ecológica Nacional, arrendando os solos que se pretendam utilizar, sempre que esta esteja delimitada.
	<input type="checkbox"/> Cópia da notificação da Câmara Municipal a comunicar a aprovação de um pedido da informação prévia, quando esta existir e estiver em vigor;		

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

1 - Cores a aplicar exteriormente: (1) DE AZUL DO SOL O MAPA DE ACABAMENTOS E CORES ANEXO

2 - O requerente reputa o prazo de 12 meses, suficientemente para a realização de trabalhos (14) CONFORME CALENDARIÇÃO ANEXA

ASSINATURA \_\_\_\_\_

Finalmente, declara corresponder à verdade o requerido nada tendo omitido.

Data: \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 19\_\_.

☐ . Proprietário;    ☐ . Gerente;    ☐ . Procurador;

☐ . \_\_\_\_\_

Pede deferimento,

ASSINATURA DO REQUERENTE *(M) Antônia Maria Batista Pereira*

CONFERIR: \_\_\_\_\_<sup>(\*)</sup>

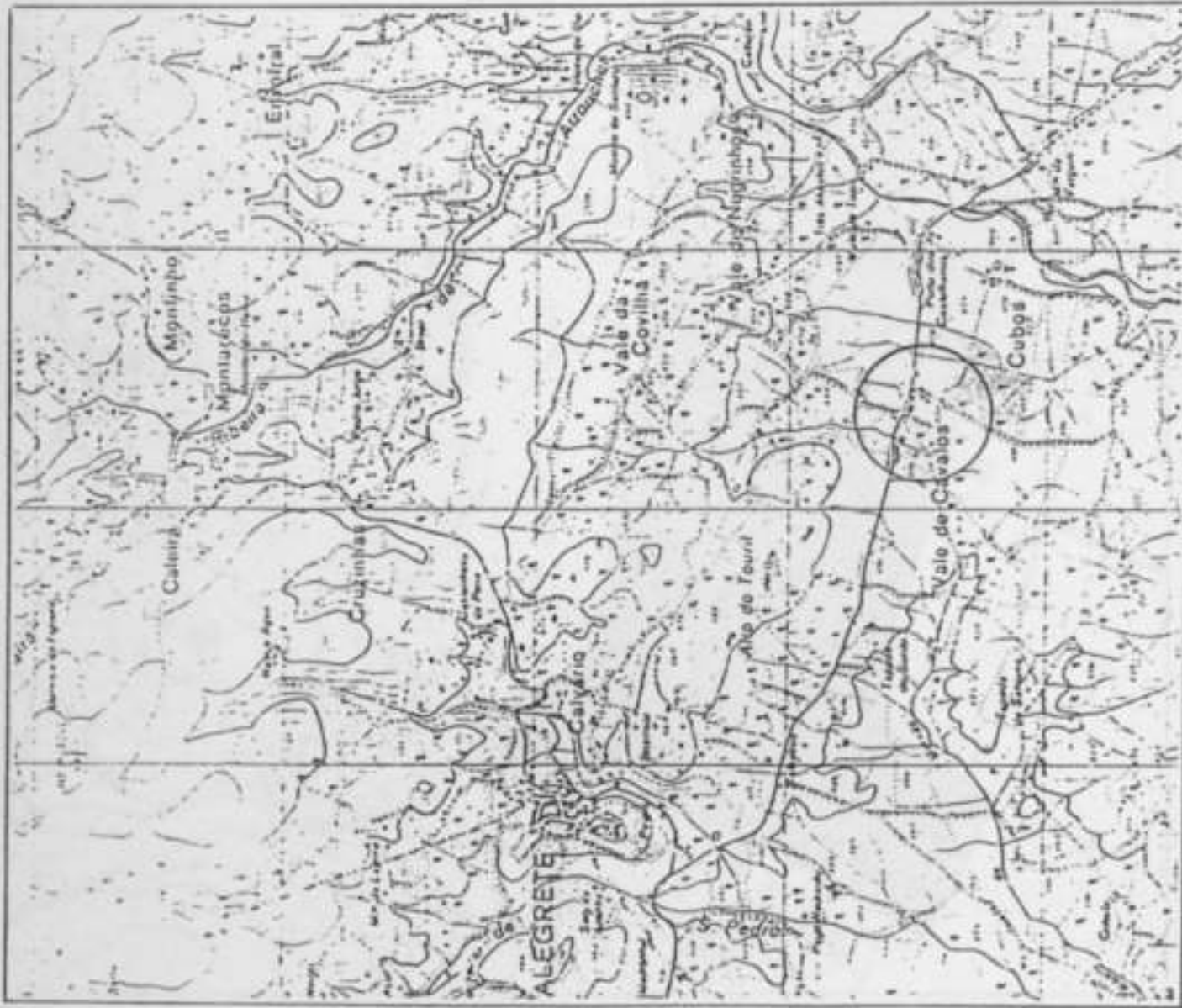
a qualidade supra.

Gênero de Ident. N.º ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐ de ☐☐☐☐☐☐









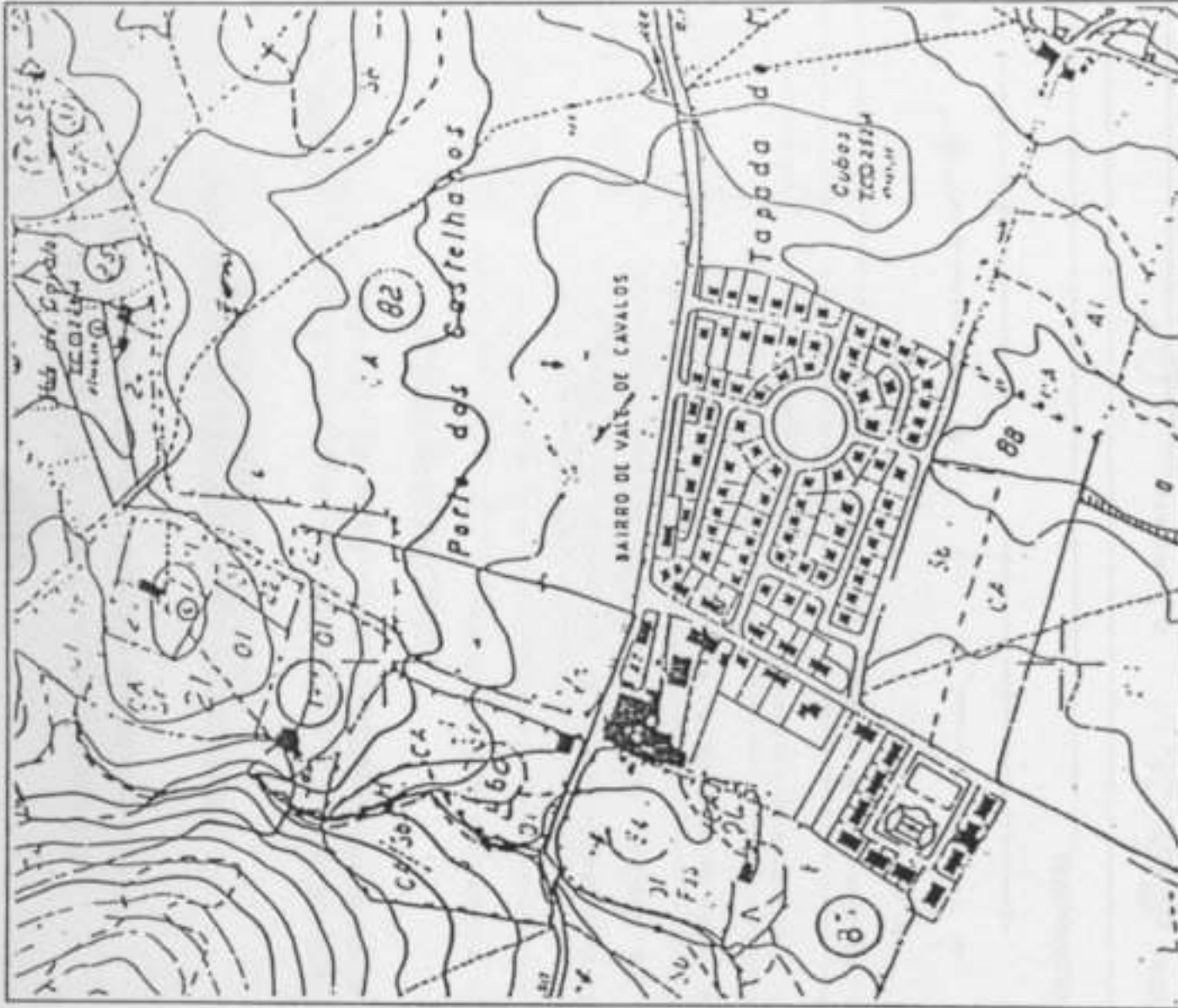
CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE  
DEPARTAMENTO TÉCNICO

Nome do requerente: ANTONIO MARIA BAPTISTA POMBAL  
Local da obra: MUNICÍPIO DE VALE DE CAVALOS, PARQUE 15  
Freguesia: VALE DE CAVALOS - ALEGRETE

☐ - Informação prévia de loteamento  
☐ - Informação prévia de construção  
☐ - ☐ - Projecto da Arquitectura  
☐ - ☐ - Projecto do Loteamento

Planta de localização: \_\_\_\_\_ Escala 1:25.000

☐ Autor do projecto: Antonio Maria Baptista Pombal  
☐ Requerente: \_\_\_\_\_



CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE  
DEPARTAMENTO TÉCNICO

Nome do requerente: ANTONIO MARIA BAPTISTA POMBAL  
Local da obra: MUNICÍPIO DE VALE DE CAVALOS, PARQUE 15  
Freguesia: VALE DE CAVALOS - ALEGRETE

☐ - Informação prévia de loteamento  
☐ - Informação prévia de construção  
☐ - ☐ - Projecto da Arquitectura  
☐ - ☐ - Projecto do Loteamento

Planta de localização: \_\_\_\_\_ Escala 1:5.000

☐ Autor do projecto: Antonio Maria Baptista Pombal  
☐ Requerente: \_\_\_\_\_





CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE  
DEPARTAMENTO DOS SERVIÇOS TÉCNICOS E QUALIDADE DE VIDA

INDICAÇÃO DO ALINHAMENTO E DE ELEMENTOS PARA  
ATRIBUIÇÃO DE COTAS DE SOLEIRA

LOCAL DA COTA: Loteamento de Vale de Cavalos - Lote 15  
PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO MARIA BAPTISTA PEREIRA N.º do PROC.º: \_\_\_\_\_

A PREENCHER PELOS SERVIÇOS

1. Referências do alinhamento \_\_\_\_\_
2. Referências da cota de nivelamento Geo level  
a cota do lote - 418.31
3. Cotas de projecto do arreamento aos limites do lote \_\_\_\_\_
4. Inclinação do arreamento \_\_\_\_\_
5. Afastamentos do prédio à via pública \_\_\_\_\_



OBSERVAÇÕES: \_\_\_\_\_

DATA: 20/fev/98 O Topógrafo [assinatura]

A PREENCHER PELO TÉCNICO RESPONSÁVEL

Níveis das soleiras de:

- portão do muro de vedação \_\_\_\_\_
- porta do muro de vedação \_\_\_\_\_
- entrada principal \_\_\_\_\_
- Outras entradas \_\_\_\_\_

OBSERVAÇÕES: \_\_\_\_\_

DATA: 23/2/98 O Técnico Responsável [assinatura]

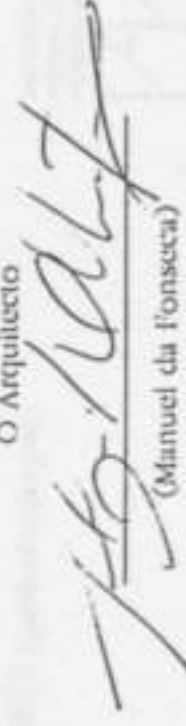
NOTA: Este documento, preenchido em duplicado, deve acompanhar o projecto de arquitectura

## Termo de Responsabilidade do autor do projecto de Arquitectura

MANUEL JOÃO NASCIMENTO CABECINHA MAMEDE DA FONSECA, arquitecto, contribuinte n.º 185158/65, residente no largo João Paulo II, lote 3, 2.º esquerdo, 7300 PORTALEGRE, inscrito na Associação dos Arquitectos Portugueses sob o n.º 5114, declara, para efeitos do disposto no n.º 1 do Art.º 6º do Dec-Lei 445/91, de 20 de Novembro, com as alterações introduzidas pelo Dec-Lei 250/94, de 15 de Outubro, que o projecto de arquitectura de que é autor, relativo à obra de Construção de Moradia Unifamiliar localizada na Urbanização de Vale de Cavalos, Palheiro, Lote 15, Alegrete, cujo licenciamento foi requerido por António Maria Baptista Pombo, residente na Rua Alexandre Herculano, Lote 41, Vale de Cavalos, 7300 Portalegre observa as normas técnicas gerais e específicas de construção, bem como as disposições legais e regulamentares aplicáveis, designadamente o disposto no P.D.M. de Portalegre; Perímetro Urbano de Vale de Cavalos.

Portalegre, 20 de Fevereiro de 1998

O Arquitecto

  
(Manuel da Fonseca)

## DECLARAÇÃO

Requerente: António Maria Baptista Pombo

Designação: Construção de uma Moradia Unifamiliar

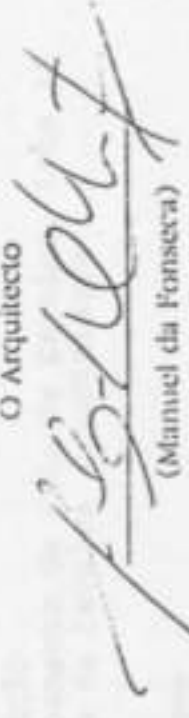
Local: Urbanização de Vale de Cavalos, Palheiro, Lote 15 - Alegrete

MANUEL JOÃO NASCIMENTO CABECINHA MAMEDE DA FONSECA, arquitecto, contribuinte n.º 185158/65, residente no largo João Paulo II, lote 3, 2.º esquerdo, 7300 PORTALEGRE, inscrito na Associação dos Arquitectos Portugueses sob o n.º 5114, para os efeitos previstos no disposto na alínea h) do n.º 1 da Art.º 2º portaria n.º 1115-B/94 de 15 de Dezembro, a que se refere o Art.º 15º do Decreto-lei n.º 250/94 de 15 de Outubro, indica seguidamente os projectos de especialidade que se propõe apresentar da obra em epígrafe:

- Projecto das Redes de Águas.
- Projecto das Redes de Esgotos.
- Projecto de Estabilidade.
- Fichas Electrotécnicas.
- Fichas de Infraestruturas Telefónicas.
- Projecto de Isolamento Térmico.

Portalegre, 20 de Fevereiro de 1998

O Arquitecto

  
(Manuel da Fonseca)



IDENTIFICAÇÃO DO PROJECTO

SÓCIO Nº 5114

AUTORES (projecto de Arquitectura)  
MANUEL JOÃO NASCIMENTO CABECINHA  
MAMEDE DA FONSECA

DADOS ESTATÍSTICOS

**Tipo do Projecto**

<input type="checkbox"/> Edificação nova	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Alteração / Ampliação	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Estudo de Viabilidade	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Licenciamento	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Outras Situações	<input type="checkbox"/>

INTERVENÇÃO

**Uso**

<input type="checkbox"/> Hab. Unifamiliar	<input type="checkbox"/> Hab. Multifamiliar
<input type="checkbox"/> Comércio	<input type="checkbox"/> Turismo
<input type="checkbox"/> Escritórios	<input type="checkbox"/> Equipamentos
<input type="checkbox"/> Indústria	<input type="checkbox"/> Usos Múltiplos
<input type="checkbox"/> Outro Uso	<input type="checkbox"/>

LOCALIZAÇÃO

**Estimativa do Valor das Obras**

<input type="checkbox"/> até 20.000 euros	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> de 20.000 a 100.000 euros	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> de 100.000 a 500.000 euros	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> mais de 500.000 euros	<input type="checkbox"/>

CÂMARA MUNICIPAL

REQUERENTE

**Dimensão**  
(m<sup>2</sup> de área de pavimentos cobertos)

<input type="checkbox"/> até 500 m <sup>2</sup>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> de 500 a 2.000 m <sup>2</sup>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> de 2.000 a 10.000 m <sup>2</sup>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> mais de 10.000 m <sup>2</sup>	<input type="checkbox"/>

PRESTADOR DO SERVIÇO (quando não seja o autor)



DONO DA OBRA (quando não seja o requerente)

Assina que me responsabilizo pela veracidade das informações  
O Arquitecto

Sob Confidencialidade

Lisboa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_



N. ref: 1260/98

Certidão

Para efeitos de credenciação do Arquitecto Manuel João Nascimento Cabecinha Mamede da Fonseca, registado com o nº 5114, ao abrigo do disposto do artº 6, nº 6 do Dec.-Lei 445/91, de 20.11 (Licenciamento), no artº. 35 do Dec.-Lei 465/88, de 15.12 (Exercício da Profissão) e no artº 25 da Lei 45/85 17.09 (Código dos Direitos de Autor), no acto do licenciamento abaixo indicado, emite-se a presente certidão.

A Associação dos Arquitectos Portugueses certifica a efectividade de direitos do Arquitecto supra indicado, e a sua capacidade para o uso do título e prática dos actos próprios da profissão.

Lisboa, 16 de Fevereiro 1998

O Conselho Directivo Regional Sul  
da Associação dos Arquitectos Portugueses

*Manuel João Nascimento Cabecinha Mamede da Fonseca*

Identificação do Projecto

AUTOR(ES)  
Manuel João Nascimento Cabecinha Mamede da Fonseca

INTERVENÇÃO  
Projecto de Arquitectura

LOCALIZAÇÃO  
Loteamento de Vale de Cavalos, Lote 15  
Vale de Cavalos - Portalegre

REQUERENTE  
António Maria Baptista Pombo

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES (I.R.S.)  
Edifício das Bonhas de S. Paulo - Travessa de Carvalha 73 - 1700 Lisboa  
Tel: 343 24 54/79 Fax: 343 74 50 e-mail: info@aa.pt



CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE  
DEPARTAMENTO DOS SERVIÇOS TÉCNICOS E QUALIDADE DE VIDA  
FOLHA DE MEDIÇÕES

LICENCIAMENTO DE OBRAS PARTICULARES

Designação da Obra: _____		Local da Obra: _____	
Área da parcela (a) / lote (b)	m2	%	
Superfície impermeabilizada (c): - Construção principal			
- Anexos			
- Total			
Área de construção (d): - Construção principal			
- Anexos			
- Total			
Percentagem de área coberta (e): - Construção principal			
- Anexos			
- Total			
OBRA DE CONSTRUÇÃO (f)			
1. Área total de construção	m2		
2. Área de construção não incluída em 1	m2		
3. Nº de pisos acima da cota média do solo	un		
4. Nº de pisos abaixo da cota média do solo	un		
5. Pavimento balanceado sobre a via pública, incluindo varandas	m2		
6. Muros de vedação confinantes com a via pública	m2		
OBRA DE AMPLIAÇÃO (g) / RECONSTRUÇÃO (h)			
1. Área total de construção	m2		
2. Área de construção original	m2		
3. Agravamento da área de construção original (1-2)	m2		
4. Área de construção não incluída em 1	m2		
5. Nº de pisos acima da cota média do solo	un		
6. Nº de pisos abaixo da cota média do solo	un		
7. Pavimento balanceado sobre a via pública, incluindo varandas	m2		
8. Muros de vedação confinantes com a via pública	m2		

- OBRA DE ALTERAÇÃO (i)
- Alteração em coberturas
  - Número de alçados a alterar
  - Paredes interiores a construir
  - Muros de vedação confinantes com a via pública

LICENÇA DE UTILIZAÇÃO

1. Habitação:	
Área bruta	m2
Área habitável	m2
Área útil	m2
Área de varandas e sacadas	m2
2. Áreas úteis dos espaços adstritos à habitação:	
Terraços	m2
Arrecadações destacadas da habitação	m2
Garagem privativa	m2
Quota-parte da garagem colectiva	m2
Espaços descobertos não pavimentados	m2

O Técnico Responsável

Portalegre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

DEFINIÇÕES

- a) Parcela: Área de terreno não resultante de operação de loteamento, marginada e ou acessível por via pública e susceptível de receber construção.
- b) Lote: Área de terreno destinada à construção resultante de uma operação de loteamento e ou da aprovação de obras de urbanização, licenciada nos termos da legislação em vigor.
- c) Superfície impermeabilizada: Soma das áreas do terreno ocupadas por edifícios, por piscinas, por vias, passeios ou estacionamento asfaltados e por demais obras que impermeabilizem o terreno.
- d) Área de construção: Soma das áreas brutas de todos os pisos construídos ou a construir (incluindo escadas e caixas de elevadores), acima e abaixo do solo, com exclusão das áreas ocupadas por garagens, serviços técnicos instalados nas caves e ou cobertura dos edifícios, galerias exteriores públicas e arruamentos ou espaços livres de uso público cobertos pela edificação.
- e) Percentagem de área coberta: É a percentagem da parcela ou lote ocupada por construção, considerando para o efeito a projecção horizontal dos edifícios delimitada pelo perímetro dos pisos mais salientes, excluindo varandas e platibandas.
- f) Obra de construção: Execução de qualquer projecto de obras novas, incluindo pré-fabricados e construções amovíveis.
- g) Obra de ampliação: Execução de obras tendentes a ampliar partes existentes de uma construção.
- h) Obra de reconstrução: Execução de uma construção em local ocupado por outra, obedecendo à traça primitiva da construção existente.
- i) Obra de alteração: Execução de obras que, por qualquer forma modifiquem significativamente a traça primitiva da construção existente.





CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE  
DEPARTAMENTO DOS SERVIÇOS TÉCNICOS E QUALIDADE DE VIDA

FICHA DE ESTIMATIVA ORÇAMENTAL

Processo nº: \_\_\_\_\_ Requerente: \_\_\_\_\_  
Folha nº: \_\_\_\_\_ Local da Obra: \_\_\_\_\_

(1) \_\_\_\_\_ inscrito na Câmara Municipal de Portalegre, sob o nº \_\_\_\_\_, e Técnico responsável por este projecto, declara, nos termos do Artº. 43º do Decreto-Lei nº100/88, de 23 de Março, que o custo total da obra se estima em \_\_\_\_\_ contos, conforme se descreve:

1) HABITAÇÃO, COMÉRCIO, ESCRITÓRIOS E SERVIÇOS

- 1.1 - Áreas de habitação unifamiliar \_\_\_\_\_ x 65.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$
- 1.2 - Áreas de habitação plurifamiliares \_\_\_\_\_ x 54.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$
- 1.3 - Áreas de escritórios, comércio e/ou serviços \_\_\_\_\_ x 43.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$
- 1.4 - Áreas de solos com utilização para armazéns \_\_\_\_\_ x 23.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$
- 1.5 - Áreas de garagens ou armazéns em cave ou r/c \_\_\_\_\_ x 37.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$
- 1.6 - Áreas de telheiros e alpendres \_\_\_\_\_ x 27.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$
- 1.7 - Áreas de terraços utilizáveis \_\_\_\_\_ x 21.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$

2) INDÚSTRIA E ARMAZÉNS

- 2.1 - Áreas de fabrico e armazenagem \_\_\_\_\_ x 47.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$
- 2.2 - Áreas de escritórios, stands e sanitários \_\_\_\_\_ x 50.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$

3) AGRICULTURA - PECUÁRIA

- 3.1 - Áreas de armazéns agrícolas e pavilhões para instalação de animais \_\_\_\_\_ x 26.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$
- 3.2 - Barragens, charcas e movimentação de terras no geral/m2 \_\_\_\_\_ x 2.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$

4) DIVERSOS

- 4.1 - Muros de alvenaria de tijolo rebocado com fundações/m2 \_\_\_\_\_ x 7.000\$00 = \_\_\_\_\_ \$

TOTAL : \_\_\_\_\_ \$

O Técnico Responsável

Portalegre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

(1) Nome Completo

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE



MAPA DE ACABAMENTOS E DE CÔRES

NOME \_\_\_\_\_  
LOCAL DA OBRA \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ FREGUESIA \_\_\_\_\_

DESIGNAÇÃO	MATERIAL E TIPO DE ACABAMENTO	CÓR A UTILIZAR
PARAMENTOS NORTE		
PARAMENTOS NASCENTE		
PARAMENTOS SUL		
PARAMENTOS POENTE		
COBERTURA		
BEIRADOS		
ALGEOZ OU CALEIRAS		
TUBOS DE QUEDA		
GUARNECIMENTO DOS VÃOS		
RODAPÉS EXTERIORES		
CUNHAIS		
parapeitos		
JANELAS		
arcas		
caixilhos		
soluira		
PORTAS EXTERIORES		
arcas		
portas		
VEDAÇÃO DA LUZ		
PORTÕES		
GRADES		
MUROS		
DATA: ____/____/____	O TÉCNICO:	O REQUERENTE:
PORTALEGRE		

PAIEER DA D. S. M. U. P.:

Ex.<sup>ma</sup> Senhor  
Presidente da Câmara Municipal de

REGISTO DE ENTRADA	
N.º	Liv.º
Fisc.º	N.º
Em	/ / 199
O Func.º	

ASSUNTO: PEDIDO DE INFORMAÇÃO PRÉVIA

(1) \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_  
profissão \_\_\_\_\_, contribuinte fiscal n.º \_\_\_\_\_, com residência / sede  
n.º \_\_\_\_\_  
n.º \_\_\_\_\_ andar, na localidade de \_\_\_\_\_ (código  
postal \_\_\_\_\_, telef. \_\_\_\_\_), freguesia de \_\_\_\_\_  
de (2) \_\_\_\_\_, município de \_\_\_\_\_, na qualidade  
de (3) \_\_\_\_\_, d. (4) \_\_\_\_\_, prédio (5) \_\_\_\_\_  
composto de \_\_\_\_\_  
situado n.º (6) \_\_\_\_\_, freguesia de \_\_\_\_\_  
na localidade de \_\_\_\_\_  
descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º \_\_\_\_\_ (Liv.º \_\_\_\_\_, fls. \_\_\_\_\_) e inscrito na matriz sob  
o artigo \_\_\_\_\_, o qual confronta do norte com \_\_\_\_\_  
sul \_\_\_\_\_, nascente \_\_\_\_\_  
e do poente \_\_\_\_\_  
pretendendo mandar construir no mesmo (8) \_\_\_\_\_

Vem requerer a V. Ex.<sup>a</sup> nos termos do artigo 10.º do Dec.-Lei n.º 445/91, de 20 de Novembro, na redacção do Dec.-Lei  
n.º 250/94 de 15 de Outubro, se digne informá-lo da viabilidade do pretendido e de todos os condicionamentos a que está sujeita  
a construção, ou, em alternativa, do que é possível construir.

Junta os seguintes elementos que assinala com [X]:

- ☐ — Memória descritiva, esclarecendo devidamente a pretensão;
- ☐ — Plantas à escala 1:25 000 e 1:2000, ou superior, com a indicação precisa do local onde pretende executar a obra;
- ☐ — Planta de implantação à escala 1:200, definindo o alinhamento e perímetro dos edifícios; as cotações e o número de pisos acima e abaixo da cota de soleira; a área de construção e a volumetria dos edifícios; a localização e o dimensionamento das construções anexas e a indicação do uso a que se destinam as edificações; (7)
- ☐ — Extracto da carta da R.A.N.;
- ☐ — Extracto da carta da R.E.N.;
- ☐ \_\_\_\_\_
- ☐ \_\_\_\_\_

Pede deferimento.

O requerente, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 199

Conferi a assinatura pelo R. L. n.º \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 199. O Func.º \_\_\_\_\_

INFORMAÇÕES E DESPACHOS DOS SERVIÇOS

Mod. 320 (11) — Imprensa Municipal Lda





